

**KATY MARY BERBES DE FARIAS**

**PROJETO DOWNS**

**Jornalismo literário e livro-reportagem como instrumentos para retratar o cotidiano de adultos com síndrome de Down**

Projeto de graduação apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel no Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof.<sup>º</sup> Dr.<sup>º</sup> José Carlos Fernandes

**CURITIBA**

**2013**

*Para Dinara e Ignácio, Katherine e Maria Teresa, Raquel e Paulo.  
Para todas as famílias que dividem seu lar com um down.*

## AGRADECIMENTOS

*Ao professor José Carlos, por embarcar comigo nesse projeto.*

*Às professoras Myrian e Maura, por fazerem parte de minha banca.*

*A todas as mães que se dispuseram a contar a história de seus filhos.*

*Ao meu marido Simão, pelas opiniões e dicas.*

*À Associação Reviver Down, à Escola Ecumênica, ao Laboratório da Síndrome de Down do HC, pelas inúmeras informações.*

*À Márcia e Josi que abriram as portas do Ateliê Criação.*

*À minha amiga Elisa, sempre pronta para me socorrer nos momentos de dúvida.*

## RESUMO

O tema sobre síndrome de Down (SD) não é assunto que ocupa diariamente as páginas dos jornais, exceto em algumas situações pontuais, como por exemplo, o Dia Mundial da Síndrome de Down. Como a imprensa de modo geral prioriza a informação imediata dando mais luz aos temas do cotidiano e de maior relevância para a sociedade, assuntos como a SD não têm tido grande destaque nos noticiários. O objetivo desse projeto é apresentar aos mais variados grupos de leitores uma ótica peculiar da SD, baseada em histórias de vida de adultos downs e exemplos de superação daqueles que nasceram downs, bem como das pessoas que as rodeiam e que, de alguma forma, têm lhes ajudado na sua caminhada. A escolha do formato livro-reportagem para abordar as histórias, foi feita com o intuito de produzir textos mais apurados, com detalhamentos e técnicas variadas de escrita, além da abordagem mais humana dos fatos e dos personagens.

Palavras-chave: Livro-reportagem. Jornalismo Literário. Síndrome de Down.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Incidência de nascidos com síndrome de Down de acordo com a idade materna.....	17
Quadro 2 – Sítios com informações da síndrome de Down .....	29
Quadro 3 - Associações, fundações e institutos .....	29
Quadro 4 - Documentários, filmes e outras ações.....	30

# SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	8
1.1	JUSTIFICATIVA .....	8
1.2	OBJETIVOS .....	10
1.2.1	Objetivo Geral .....	10
1.2.2	Objetivos Específicos .....	10
1.3	DELIMITAÇÃO DO TEMA .....	11
1.3.1	Definição .....	11
2	PANORAMA .....	13
2.1	Origens .....	13
2.2	Números .....	15
2.3	Diagnóstico .....	17
2.4	Características .....	19
2.5	Tratamento, cura e mitos .....	19
2.6	Inclusão escolar .....	20
2.7	Inclusão social e o papel da mídia .....	25
2.8	Exclusão social – vivendo o preconceito .....	30
2.8.1	O viver em grupo e o cotidiano .....	31
4	JORNALISMO LITERÁRIO .....	36
4.1	DEFINIÇÃO .....	36
4.2	ORIGENS .....	38
4.2.1	O folhetim .....	40
4.2.2	A Crônica .....	42
4.2.3	O jornalismo nos séculos XIX e XX – a notícia como mercadoria .....	44
4.3	A REPORTAGEM .....	47
4.4	A GRANDE REPORTAGEM NAS REVISTAS .....	51
4.5	A DÉCADA DE 1960 E O <i>NEW JOURNALISM</i> .....	55
4.6	LIVRO-REPORTAGEM .....	59
4.6.1	FUNÇÃO E CARACTERÍSTICAS DO LIVRO-REPORTAGEM .....	62
4.6.2	A TRAJETÓRIA DO LIVRO-REPORTAGEM NO BRASIL .....	65
4.7	LIVRO-REPORTAGEM: ALGUMAS PROBLEMÁTICAS .....	66
5	OBSERVAÇÃO (METODOLOGIA) .....	71

6	DESCRIÇÃO DO PRODUTO .....	74
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
	REFERÊNCIAS .....	80
	GLOSSÁRIO .....	83
	ANEXOS .....	84
	Tricossomia no cromossomo de par 21.....	84
	A virgem e o menino - Andrea Mantegna .....	84
	Lady com seus 3 filhos – <i>Sir</i> Joshua Reynolds .....	85
	APÊNDICE .....	86

# 1 INTRODUÇÃO

A proposta desse trabalho é abordar aspectos do cotidiano de pessoas com síndrome de Down (SD) utilizando como suporte o livro-reportagem. Por meio desse suporte jornalístico se pretende apresentar uma perspectiva diferente, baseada em uma realidade pouco conhecida pela maioria das pessoas, que é o dia a dia dos downs, cujo contexto pode chegar muito próximo à realidade vivida pelas pessoas ditas normais.

A intenção do trabalho é produzir reportagens estritamente focadas em histórias de personagens, sem se ater a discussões específicas como inclusão social, tratamentos médicos etc. Entretanto, não significa que alguns desses aspectos, bem como números, dados sociais e demográficos e informações médicas, não estejam presentes na obra. Essas informações poderão ser encontradas em um capítulo introdutório, ou até mesmo permear e contextualizar algumas histórias, mas jamais ser o foco principal da narrativa.

Dessa forma, a “essência” de todos os textos é a retirada de depoimentos e histórias contados pelos próprios personagens e suas famílias. Isso somente é possível a partir da aproximação e convivência direta com as pessoas com SD em seu próprio ambiente (família, amigos, escola e trabalho).

## 1.1 JUSTIFICATIVA

Peça a qualquer pai de criança com síndrome de Down que descreva seu filho e poderei garantir que ele não iniciará sua fala com uma explicação biológica. Ao contrário, ele relatará quanto prazer essa criança traz a sua vida, falará do imenso orgulho que sente frente a cada realização, por menor que seja, contará o quanto é indescritível seu amor pela criança e falará de seus medos sobre o futuro. (Brian Stratford, 1979).



Síndrome, distúrbio, erro, problema, doença, defeito, anomalia, aberração, acidente, alteração. Durante toda essa pesquisa sobre a síndrome de Down esses foram alguns dos termos encontrados em artigos, matérias, comentários, entrevistas que abordavam o assunto. Essa discrepância de nomenclaturas, percebida inclusive em publicações de renome, demonstra o quanto o assunto gera equívocos.

De acordo com dados do IBGE, no Brasil atualmente existem cerca de 300 mil pessoas com SD. O que se sabe sobre esse grupo talvez não seja o suficiente para que a sociedade tenha um olhar diferente sobre ele. Algumas vezes é possível ler algo sobre a síndrome em cadernos de ciência, principalmente quando há alguma pesquisa em evidência.

Também há os “ganchos” que dão origem a matérias relacionadas ao tema, principalmente no dia 21 de março, data em que se comemora o Dia Mundial da Síndrome de Down. Há outras oportunidades, como o lançamento de alguma obra literária que enfoque o assunto ou de algum programa televisivo de maior audiência que apresente algum “personagem” down.

É fato que, diferentemente do que se via há 50 anos, a síndrome de Down já não é vista com tantos estigmas pela sociedade. Não desperta tanto preconceito e também não é retratada de forma tão deturpada. Mas por outro lado, faltam abordagens mais esclarecedoras sobre o tema, principalmente no que se refere ao contexto social. Certamente essa lacuna que ainda existe entre a sociedade e o universo down, é um dos motivos que me fizeram optar pela produção de um livro-reportagem.

Outro aspecto que me levou a tratar do tema, e que certamente é o de maior relevância, é a convivência com pessoas com síndrome de Down, que

resultou em relações sólidas e de um amor e admiração únicos. Somente convivendo com esse grupo é possível descobrir o quanto eles são capazes, obedecendo ao seu ritmo, realizar progressos e conquistar vitórias, levando uma vida muito próxima da “normalidade”.

A escolha pelo formato livro-reportagem deu-se pela possibilidade de realizar um relato mais humanizado com maior liberdade de escrita, utilizando técnicas diferenciadas daquelas propostas pelo jornalismo convencional.

O fio condutor da obra são as histórias de vida, do cotidiano de algumas pessoas com síndrome de Down. As narrativas são contadas pelas famílias e por outras pessoas envolvidas no cotidiano dos personagens, e, na medida do possível, pelos próprios downs. Os critérios de escolha dos personagens são baseados na faixa etária. A opção por contar histórias somente de pessoas adultas, se dá por um fato simples de que, ao contrário dos downs bebês e crianças, que ainda estão traçando o seu caminho, os mais velhos já construíram um contexto de vida, com experiências vivenciadas.

## **1.2 OBJETIVOS**

### **1.2.1 Objetivo Geral**

Relatar histórias de portadores da síndrome de Down por meio de relatos humanizados e observáveis a partir do cotidiano dos personagens.

### **1.2.2 Objetivos Específicos**

- a) Retratar aspectos específicos do cotidiano dos portadores da síndrome de Down, sua relação com a família e o restante da sociedade, as

formas de superação no ambiente escolar, social e profissional, bem como suas aptidões, desejos e planos para o futuro.

- b) Construir, por meio do livro-reportagem, uma relação mais próxima e esclarecedora entre o leitor e o tema.

### 1.3 DELIMITAÇÃO DO TEMA

#### 1.3.1 Definição

Conforme explicações no site Movimento Down<sup>1</sup>, a síndrome de Down (SD) é uma alteração genética. Todas as pessoas têm 46 cromossomos, 23 pares herdados do pai e 23 da mãe. O indivíduo com síndrome de Down possui 47 cromossomos. Esse cromossomo “extra”, normalmente encontra-se no par 21. Por isso a SD também é conhecida como **trissomia do cromossomo 21**. (Anexo 1).

De acordo com indicação do Movimento Down, a SD não pode ser considerada uma doença. “Portanto não é correto afirmar que uma pessoa é portadora da síndrome de Down. O correto é falar que a pessoa tem ou nasceu com síndrome de Down.” Além da trissomia do cromossomo 21, que ocorre com 95% dos bebês, há mais duas situações:

**Trissomia por translocação:** Ocorre em 3,5% dos casos. Nessa ocorrência o cromossomo extra não estará ligado ao par 21. Normalmente será encontrado no par número 14 ou 22. Esse é o único caso em que há uma herança genética do pai ou da mãe. O casal só é normal porque apresenta uma translocação equilibrada.

---

<sup>1</sup> <http://www.movimentodown.org.br/sindrome-de-down/o-que-e/>

**Mosaicismo:** Ocorre somente em 2 a 4% dos casos. Nesse caso há uma linhagem de células com a trissomia 21 e uma segunda linhagem com células normais. É o diagnóstico mais difícil, pois se o cromossomo extra não for encontrado no par 21 da primeira linhagem, deve-se recomeçar toda a investigação na segunda linhagem. Nesse caso, se as células trissômicas estiverem em proporção menor, o comprometimento patológico do indivíduo será menor.

## 2 PANORAMA

### 2.1 Origens

As primeiras tentativas para definir a síndrome de Down não vinham da ciência, mas sim de outros contextos como o das artes, da arqueologia e da religião, essa última com um viés fortemente discriminatório. Não existem documentos que comprovem a origem exata da SD. Alguns apontam para registros de 1.500 anos a.C., em local que hoje seria o México.

Na obra *Crescendo com a síndrome de Down*, do médico inglês Brian Stratford, há informações que remetem a presença de indivíduos com SD às civilizações mais antigas como na cultura da Grécia Antiga, no século V. Em escavações realizadas no pós-Guerra foi desenterrado o crânio de uma criança que, segundo análise de especialistas, apresenta traços da SD<sup>2</sup>.

No século XV, alguns artistas eram contratados como pintores exclusivos das cortes. Um deles foi o italiano Andrea Mantegna (1431-1506) que pintou quadros da família Gonzaga, da cidade de Mantua, na Itália. Segundo Stratford (1997), é muito provável que o conde e a condessa Ludovici II tenham sido pais de uma criança com SD. (p. 27). O fato é confirmado pelo quadro *A virgem e o menino* (Anexo 2). Na obra há uma criança com possíveis traços da trissomia.

Outro pintor que também apresentou de forma ainda mais nítida uma criança com traços da SD foi o inglês sir Joshua Reynolds (1723-1792). Em 1773 pintou o quadro *Retrato de Lady Cockburn com seus três filhos* (Anexo 3).

---

<sup>2</sup> [http://pt.encydia.com/es/S%C3%ADndrome\\_de\\_Down](http://pt.encydia.com/es/S%C3%ADndrome_de_Down)

A criança que está sobre o ombro esquerdo da mãe, lembra muito o fenótipo de um down.

Saindo do campo das artes e voltando-se para o contexto religioso, ao que parece nesse caso a SD não era vista com beleza e naturalidade. Assim como na cultura grega, que negava a liberdade aos escravos, mulheres e deficientes (STRATFORD, 1997, p. 27), a Igreja do século IX também impunha seus preconceitos. Um deles era de que a deficiência mental tinha origem no pecado, supondo, até, que a mãe de uma criança com problemas mentais teria mantido relações sexuais com o diabo.

Um dos que condenavam essa crença era Santo Agostinho (354 d.C-430). Diferentemente de Lutero (1483-1546), que interpretava que o diabo havia tomado o lugar da criança deficiente e que por essa razão ela poderia possuir uma alma, o teólogo defendia a inocência dos deficientes por quem tinha grande compaixão. (STRATFORD, 1997, p. 23-24).

É no começo do século XIX que a síndrome de Down começa a ganhar leituras baseadas na ciência. Em 1844, no livro de Chambers, a síndrome recebe a denominação de “idiotia do tipo mongolóide”. O médico francês Edouard Seguin, entre 1846 e 1866, classifica-a como “cretinismo furfuráceo”. (SILVA e DESSEN, 2002).

Mas o conceito que gerou maior impacto foi o do médico britânico Langdon Down, que em 1866, influenciado pelos preceitos evolucionistas de Darwin considerou a síndrome como uma espécie de raça inferior. Para isso utilizou o termo “mongolian idiots”, cuja aparência lembrava a de um povo oriental da Mongólia, os mongóis. Daí o surgimento do termo mongol/mongolismo que podemos considerar bastante pejorativo não só para

as pessoas que têm SD, mas também para a população da Mongólia. Felizmente esse termo tem sido pouco utilizado.

Supostas outras causas da SD, como a tuberculose ou sífilis nos progenitores, a falta de ácido fólico no organismo e o uso de raios-X durante a gravidez, perderam força quando, em 1932, o oftalmologista Waardenburg supôs que a anomalia poderia estar em uma alteração cromossômica. Vinte anos se passaram até que, em 1959, o médico francês Jerome Lejeune afirmou que realmente a síndrome era proveniente de um defeito genético no cromossomo 21.

## 2.2 Números

Em toda literatura pesquisada a conclusão é unânime: não existe no mundo, e no Brasil, um número exato sobre os casos de SD. O que se adota são as estimativas. De acordo com informações do censo 2000 do IBGE, no Brasil há cerca de 2 milhões e 600 mil deficientes intelectuais. Deste total 300 mil têm a SD.<sup>3</sup>

Dados do Movimento Down<sup>4</sup>, indicam que a estimativa pode ser levantada com base na relação de 1 para cada 700 nascimentos, levando-se em conta toda a população brasileira. Ou seja, segundo esta conta, cerca de 270 mil pessoas no Brasil teriam síndrome de Down. E não há raça, credo, classe social ou comportamento que mude tal situação.

---

<sup>3</sup> <http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/noticia/4533/162/manual-vai-orientar-atendimento-em-saude.html>

<sup>4</sup> <http://www.movimentodown.org.br/>

Nesses milhares de anos, desde a primeira menção à SD, até seu diagnóstico concreto, inúmeras questões surgiram, algumas com respostas, outras não. Uma das perguntas mais frequentes vem dos próprios pais: “Por que eu?”. A resposta contida no livro de Stratford é simples: “Pode acontecer com qualquer um.”

Porém, há um fator que a medicina já conclui como contribuinte para o aumento da incidência – a idade materna. Quanto mais idade a mãe tiver, maiores são as chances de ela gerar uma criança down. Schwartzman (apud VOIVODIC, 2004, p. 40) explica que mulheres mais velhas apresentam maiores riscos de terem filhos cromossômicos, possivelmente devido ao fato do envelhecimento dos óvulos. Desse modo conclui-se que a SD não está relacionada com a idade paterna. É importante lembrar que essa é uma concepção empírica, baseada na incidência de nascimento versus idade (Ver Quadro 1).



Idade	Incidência
20 anos	1:2000
30 anos	1:1000
35 anos	1:500
40 anos	1:70
45 anos	1:17

**Quadro 1 - Incidência de nascidos com síndrome de Down de acordo com a idade materna.**

**Fonte: Stratford (1997), p. 30.**

Mas por que se vê tantas mães jovens com filhos downs? Porque a maioria das mulheres ainda tem filhos na faixa dos 30 anos. Além da questão da idade, outros fatores (nenhum comprovado), como a imaturidade hormonal e o uso de anticoncepcionais poderiam ter relação com a incidência da SD.

Quanto às chances de os pais terem um segundo filho com SD, elas existem. Mas na mesma proporção de outros aspectos, como a chance de um casal ter outro filho do mesmo sexo ou com a mesma cor dos olhos do primogênito, ou seja, 50%.

### **2.3 Diagnóstico**

É possível realizar durante o pré-natal um diagnóstico para avaliar se há alguma alteração no cromossomo 21. O mais comum é a amniocentese, exame invasivo em que o líquido amniótico é retirado do ventre. Nesta década um grupo de pesquisadores da universidade de Hong Kong descobriu outra alternativa para o diagnóstico. Apenas com o sangue da mãe é possível

identificar a SD no feto<sup>5</sup>. Mesmo com essas possibilidades de diagnóstico precoce, ainda há inúmeros casos de pais que descobrem que o filho é down somente no dia do nascimento.

Em 2003, a BBC Brasil produziu uma reportagem especial sobre a SD<sup>6</sup> e uma das questões abordadas foi o diagnóstico precoce. Na França, por exemplo, onde a amniocentese é obrigatória para todas as gestantes, houve redução drástica do número de nascimentos de pessoas com a síndrome, já que naquele país o aborto é permitido.

Segundo Stratford, nas situações em que se pode fazer o aborto, 98% das mulheres o fazem quando descobrem que irão gerar uma criança com SD. Em entrevista concedida para o jornal *Folha de São Paulo (Caderno Equilíbrio, p. 6)*, em 19 de março de 2009, o pediatra e geneticista Zan Mustachi comenta que, mesmo sendo um dado extraoficial, no Brasil mais de 90% das mães que durante o pré-natal descobrem que o embrião tem SD, interrompem a gestação. Vale lembrar que a legislação brasileira só autoriza o aborto em caso de estupro e risco de morte da mãe.

Outro aspecto é com relação aos casamentos que entram em crise por conta de um filho down. Estudo realizado pela universidade de Walles, em Cardiff (UK), mostrou que a incidência de divórcios em casais com filhos deficientes era dez vezes maior que o índice da média nacional (STRATFORD, 1997, p. 81).

---

<sup>5</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/859919-exame-de-sangue-da-mae-detecta-sindrome-de-down.shtml>

<sup>6</sup> [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/cluster/2003/08/s\\_down.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/cluster/2003/08/s_down.shtml)

## 2.4 Características

É possível que a síndrome de Down seja o tipo de alteração genética que mais revela quem a tem pelo seu aspecto físico. O maior sinal, sem dúvida, são os olhos amendoados. Outras características comuns ao fenótipo do down são a hipotonia, o diâmetro do crânio menor do que a média, osso do nariz mais achatado, mãos e pés pequenos, linha única da palma da mão, espaçamento entre o dedão do pé e o dedo médio é a tendência a excesso de peso.

Com relação à saúde da pessoa com SD, é fato que ela é mais frágil. De acordo com Stratford (1997, p.81), mais de 60% dos downs apresentam algum tipo de problema visual (hipermetropia, miopia, estrabismo, blefarite e catarata). Em 50% dos casos a imunidade é baixa e também há maior probabilidade de surgir doenças como leucemia, hepatite, cardiopatia, epilepsia, principalmente na fase adulta, e Alzheimer.

## 2.5 Tratamento, cura e mitos

Para os “milagreiros” de plantão, para todo mal há sempre uma cura. Não é diferente com a síndrome de Down. Sobre esse aspecto, Stratford (1997, p. 83) é muito claro: “Não existe tratamento para a SD.”

Dentre os tratamentos que são divulgados como uma opção para a cura da SD estão o coquetel de vitaminas A e D que, segundo os adeptos, seria capaz de melhorar/aumentar a inteligência e o crescimento. Outra sugestão é a terapia celular que consiste em introduzir novas células no indivíduo com SD fazendo com que elas estimulem de forma positiva órgãos como coração e cérebro. Mais uma interpretação de Stratford:

Não há qualquer validade científica para a teoria celular. (...) Se a administração de qualquer preparado de células resultasse em cura ou em incremento significativo em crianças com SD, seríamos os primeiros a prescrever o tratamento. (STRATFORD, 1997, p. 104 e 105).

Apesar de haver alguns movimentos que defendam tratamentos diferenciados, como a *Changing Minds Foundation*<sup>7</sup>, não existe nenhuma comprovação científica de que a SD tem cura ou tratamento. As únicas terapias realizadas pelas pessoas com SD, e que apresentam resultados, estão relacionada com a estimulação precoce que pode melhorar aspectos motores e cognitivos.

## 2.6 Inclusão escolar

Quando a medicina fez todo o possível, a educação é a única terapia.

(Brian Stratford, 1979).

Antes de tratar da inclusão, é importante diferenciar o termo de outro: a integração. Do ponto de vista educacional essa diferenciação é de extrema importância.

Integração refere-se a intervenções necessárias para que a criança com necessidades especiais possa acompanhar a escola, sendo o trabalho feito individualmente com a criança e não com a escola; inclusão é o oposto, é um movimento voltado para o atendimento das necessidades da criança, buscando um currículo correto para incluí-la. (...) inclusão não é, pois, uma invenção da escola, mas uma ideologia da sociedade, onde o principal fundamento é a valorização da diversidade. (DENS apud VOIVODIC, 2004, p. 26).

Para Voivodic (2004), o primeiro passo para a integração social passa pela escola. A Lei 7853 de 24/10/1989<sup>8</sup> (Diário Oficial da União) dispõe sobre vários direitos dos deficientes, dentre eles a educação. Para os pais de um down, esse direito, apesar de garantido, suscita uma dúvida: qual escola escolher? A

---

<sup>7</sup> <http://www.changingmindsfoundation.org/>

<sup>8</sup> [http://www.mpdft.gov.br/sicorde/legislacao\\_01\\_03.htm](http://www.mpdft.gov.br/sicorde/legislacao_01_03.htm)

especial ou regular? E mais ainda: Tanto uma quanto outra estão realmente preparadas para atender uma criança com SD?

É fato que a SD limita o indivíduo mental e fisicamente e que a capacidade intelectual das pessoas com a síndrome seja menor do que a de uma pessoa dita normal. Uma das dificuldades abordadas por Lefèvre (1981, p.44) é a questão da abstração. O raciocínio da criança down para tarefas abstratas estaciona geralmente numa faixa que corresponde à evolução dos 7 a 8 anos de crianças normais.

Segundo a psicóloga, essa dificuldade se reflete em outras questões como a noção do peso, do volume, do líquido e de quantidades descontínuas. Piaget (*apud* LEFÉVRE, 1981, p. 44) chama de pensamento de operações concretas a etapa em que a criança ao brincar com o material concreto chega a conclusões importantes do ponto de vista lógico. É o que ele chama de raciocínio “operatório”.

Talvez por causa dessas, e tantas outras limitações anunciadas, é que, até o final de década de 80, a maioria das crianças downs era atendida em escolas ou centros especiais. A segregação ocorria principalmente pela suposição de que elas não teriam nenhum proveito por estarem em uma escola regular junto com outros estudantes que não apresentavam atraso intelectual.

Edouard Seguin, no século XIX, quando dirigia um hospital psiquiátrico abriu um espaço que hoje poderia estar descrito por uma escola especial. A primeira preocupação do médico era com o bem estar físico e emocional dos *pacientes*. Depois as habilidades sociais.

Muitos dos seus métodos que denominou as habilidades sociais, ainda estão em uso hoje, mas modificados. Ele inventou a prancha de formas (...) esse brinquedo, usado com crianças muito pequenas,

ainda é bastante empregado em atividades de aprendizagem para crianças deficientes mentais. (STRATFORD, 1997, p. 111)

Não há dúvidas de que a escola especial trouxe grandes contribuições, principalmente por causa da incorporação de técnicas especializadas e programas de desenvolvimento individual. (VOIVODIC, 2007, p. 59). Por outro lado, segundo a autora, limitou seus alunos, tirando-lhes o direito de serem mais independentes e capazes.

Para a pedagoga Nancy Mills Costa (*apud*, WERNECK, 1993, p. 158), especificamente no caso da criança com SD, a educação especial acrescenta informações valiosas sobre o desenvolvimento psicológico e processo de aprendizagem. A escola especial cumpre o papel de acelerar o processo mais lento de aprendizagem que é nato no down.

A inserção da criança com SD em escolas regulares teve início somente na década de 1990. Foi um passo decisivo para que a criança especial pudesse se livrar de certos estigmas. Vygotsky (*apud* VOIVODIC, 2004, p. 61) afirmava que “as dificuldades dos indivíduos com atraso mental deviam-se, em grande parte, ao seu isolamento e à pouca interação com indivíduos mais evoluídos.”

O artigo 2º, item “f”, da Lei Federal nº 7853 de 24/10/1989, que rege os direitos da pessoa portadora de deficiência determina “a matrícula compulsória em cursos regulares de estabelecimentos públicos e particulares de pessoas portadoras de deficiência capazes de se integrarem no sistema regular de ensino.”

Outro documento de extrema importância, que defende o direito da criança especial à educação, a Declaração de Salamanca (1994)<sup>9</sup>, cita:

---

<sup>9</sup> <http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=109>

- 1) Aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades.
  
- 2) Escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos; além disso, tais escolas provêm uma educação efetiva à maioria das crianças e aprimoram a eficiência e, em última instância, o custo da eficácia de todo o sistema educacional.

Na prática, porém, a realidade é outra. A maioria das escolas regulares se diz sem estrutura e pessoal especializado para atender crianças com necessidades especiais. De acordo com Dinara Maria Zanon<sup>10</sup>, vice-presidente da Apae-Curitiba, há poucas escolas na capital paranaense que possuem habilidades, equipe e experiência na inclusão de crianças especiais. Dentre as mais preparadas para atender crianças especiais estão a escola de educação infantil Tistu e os colégios Medianeira e Integral.

A jornalista brasileira Claudia Werneck, uma das principais pesquisadoras sobre a síndrome de Down no país, aponta para a importância do currículo pedagógico, tanto da escola especial, quanto na regular:

Os currículos dos alunos com deficiência mental deverão ser o mais próximo possível dos currículos do ensino regular, a fim de facilitar a movimentação do aluno de um nível de integração para o outro. De acordo com a realidade de cada criança, são diferenciados o material didático, as estratégias de atendimento educacional e a proporção aluno-professor, o que ainda não acontece no ensino regular. (WERNECK, 1993, p. 169).

---

<sup>10</sup> Declaração feita em julho de 2012.

No contexto da aprendizagem, muitas experiências têm demonstrado que os downs estão conseguindo alcançar grandes progressos, apesar das limitações comprovadas cientificamente. Uma grande parte consegue ser alfabetizado e, a cada ano, a imprensa divulga histórias de pessoas com SD que chegam à faculdade.

É provável que a questão principal dessa “nova” situação não esteja relacionada somente à opção por uma escola especial ou regular. Para muitos pesquisadores, o agente fundamental nesse processo de superação e desenvolvimento é, sem dúvida, a família. Para Voivodic:

A família se constitui o primeiro grupo social da criança, e é através do relacionamento familiar que a criança terá suas primeiras experiências, sendo portanto esta unidade básica de crescimento do ser humano e sua primeira matriz de aprendizagem (VOIVODIC, 2007, p. 48)

Além do pleno envolvimento da família, a estimulação precoce é outro fator determinante para que a criança apresente resultados positivos tanto motores quanto cognitivos. E deve começar quando o bebê sai da maternidade. Nessa fase algumas terapias como fonoaudiologia, fisioterapia, terapia ocupacional, hidroterapia são essenciais.

Nessa etapa inicial de estimulação, as Apaes (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) têm um papel fundamental. A associação é uma das principais instituições que oferecem aos portadores de deficiência mental atendimento nas áreas de saúde, educação e assistência social. O principal objetivo da entidade é promover o desenvolvimento das potencialidades das pessoas com deficiência mental.

Como se percebe, o desenvolvimento da pessoa com SD depende de um conjunto de fatores e iniciativas que devem fazer parte do seu dia a dia. Nos últimos 50 anos é visível o desenvolvimento que os downs têm adquirido



graças às oportunidades que estão sendo oferecidas. A genética não mudou. O que se alterou foi a fórmula de como criar pessoas mais aptas a se integrarem na sociedade vivendo com dignidade e igualdade:

Família + estimulação precoce + inclusão

## 2.7 Inclusão social e o papel da mídia

O conceito de deficiência esconde a pessoa (GAVIA, 2012). Talvez essa seja uma das razões do porquê a sociedade sabe muito pouco sobre a síndrome de Down e não tenha noção do quanto essas pessoas possuem reais chances de se desenvolverem e se tornarem seres autônomos e independentes. Nesse sentido Lefèvre (1981, p.42) aborda sobre a questão desenvolvimento:

O cérebro da criança mongólica está sempre amadurecendo já que esta síndrome não ocasiona piores, e sim leva a melhoras progressivas. O cérebro trabalha com todas as suas áreas se comunicando por suas conexões próximas e distantes; à medida que o meio oferece estímulos o organismo da criança os recebe, adapta-se a eles e vai criando ações num contínuo equilíbrio. Isto denota um permanente amadurecimento das funções cerebrais.

Certamente a realidade atual não é a mesma vivida há 50 anos quando a maioria dos que nasciam com SD eram seres invisíveis, escondidos em seus lares ou em clínicas. Nesse contexto, o papel da mídia tem sido primordial para que o down seja “apresentado” como um ser “normal”. Porém, ainda há um grande caminho a ser traçado.

A questão de como a mídia brasileira tem abordado o tema da deficiência e da inclusão foi analisada pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (Andi) e Fundação Banco do Brasil (FBB), em 2002. Após uma

avaliação de 1.192 matérias veiculadas naquele ano, as instituições apresentaram o resultado no seminário *Mídia e Deficiência: Diversidade de Cidadania e Inclusão na Imprensa Brasileira*<sup>11</sup>, em Brasília, nos dias 13 a 15 de julho de 2003.

Algumas conclusões apresentadas durante o seminário:

- ✓ No Brasil, multiplicam-se prêmios e reconhecimentos para reportagens que se dedicam às grandes questões nacionais. Mas deficiência ainda não é considerada uma questão de todos os brasileiros; no máximo, um problema de alguns núcleos familiares.
- ✓ As pautas sobre o assunto são raras. Há pouca pressão da sociedade civil, organizada, ou não, e também dos governos, para transformar este cenário.
- ✓ Não há preocupação em divulgar serviços relacionados à melhora da qualidade de vida de crianças, adolescentes, adultos e idosos com deficiência. Mais de 60% das matérias analisadas só ouviram uma fonte.
- ✓ Não há nenhuma reportagem sobre educação que aborde a temática da inclusão. Parece que o conceito é totalmente estranho ao meio jornalístico.

De acordo com o documento:

O primeiro passo no sentido de qualificar a cobertura dos temas relacionados ao universo de pessoas com deficiência envolve uma mudança de paradigma. É imprescindível que os jornalistas conheçam o conceito de sociedade inclusiva. Esse paradigma ainda permanece ausente na cobertura jornalística. (Brasília, 2003)

---

11 serv01.informacao.andi.org.br/25ddd12e\_117460dd374\_-7ffe.pdf

Vale lembrar que a pesquisa e suas conclusões foram publicadas em 2003. Hoje o cenário é diferente. A Andi não utiliza mais a metodologia de medição quantitativa, pois muitos jornalistas eram punidos pelas chefias de redação por causa da cobertura da instituição. Hoje a análise das reportagens é baseada na qualidade da cobertura, se as reportagens propõem políticas públicas e se são assinadas por jornalistas qualificados.

É fato que a mídia muitas vezes se pauta por um momento ou um assunto que esteja em evidência. No caso da SD, percebe-se que a cada ano o Dia Mundial da Síndrome de Down, comemorado no dia 21 de março, tem originado mais publicações nos periódicos. Na última comemoração os principais jornais do Brasil publicaram reportagens sobre a data.

Nessas ocasiões histórias de superação são relatadas, como a do jovem Kalil Assis que recentemente foi aprovado no vestibular de uma universidade federal <sup>12</sup>, do judoca Bruno Viola<sup>13</sup>, do historiador Henrique Cavalcanti<sup>14</sup> e de um caderno especial publicado pelo jornal *Folha de São Paulo* sobre o down na vida adulta.

Na televisão, no cinema e na literatura também há relatos marcantes sobre a SD. Em 2007, foi ao ar, pela Rede Globo, a telenovela *Páginas da Vida*. Na trama, escrita por Manoel Carlos, a menina Clara (Joana Mocarzel) é

---

<sup>12</sup> (<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2012/02/jovem-com-sindrome-de-down-passa-em-universidade-federal-de-go.html>)

<sup>13</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/1064723-down-nunca-foi-problema-para-judoca-leia-entrevista.shtml>

<sup>14</sup> <http://www.inclusive.org.br/?p=22470>

adotada pela médica Helena (Regina Duarte). Clara perde a mãe no parto e é rejeitada pela avó materna (Lilia Cabral) por ter síndrome de Down.

Em 2011 o filme *City Down*, dos diretores José Mattos e Paulo César Nogueira e o documentário *Do luto à luta*, dirigido por Evaldo Mocarzel, abordaram sobre a SD dando voz aos próprios downs. Em 2012 um dos destaques no cinema brasileiro, foi o filme *Colegas*. Dirigido por Marcelo Galvão, o longa-metragem narra a história de três amigos (vividos por atores com síndrome de Down) que, inspirados no filme *Thelma e Louise*, resolvem dar uma fugida do instituto onde moram para viver algumas aventuras. *Colegas* recebeu na 40ª. Edição do Festival de Gramado o prêmio de melhor filme.

*O Filho Eterno*, escrito pelo catarinense Cristóvão Tezza, radicado em Curitiba, foi uma das obras mais aclamadas em 2007. Faturou oito prêmios nacionais e internacionais, dentre eles o Jabuti e o APCA. No livro o personagem vive as dificuldades e a descoberta de uma nova vida, depois do nascimento do filho down.

Os Quadros 2 a 4, a seguir, demonstram ações pertinentes à síndrome de Down.

O Quadro 2 apresenta algumas entidades que apoiam e abordam o tema síndrome de Down.

Instituição	Endereço na web
Escola de Gente	<a href="http://www.escoladegente.com.br">http://www.escoladegente.com.br</a>
Federação Brasileira das Associações de SD	<a href="http://www.federacaodown.org.br">http://www.federacaodown.org.br</a>
Inclusive – Inclusão e Cidadania	<a href="http://www.inclusive.org.br/">http://www.inclusive.org.br/</a>
Movimento Down	<a href="http://www.movimentodown.org.br">http://www.movimentodown.org.br</a>
Portal Síndrome de Down	<a href="http://www.portalsindromededown.com/">http://www.portalsindromededown.com/</a>
Rede Saci	<a href="http://www.saci.org.br">http://www.saci.org.br</a>
Ser Down	<a href="http://serdown.org.br/">http://serdown.org.br/</a>

**Quadro 2 – Sítios com informações da síndrome de Down**

**Fonte:** Organizado por Katy Mary de Farias

O Quadro 3 apresenta algumas associações, fundações e institutos que apoiam portadores da síndrome de Down.

Instituição	Endereço na web
APAE – Associação de pais e alunos especiais	<a href="http://www.apaebrasil.org.br">http://www.apaebrasil.org.br</a>
CEDIPOD – Centro de documentação e informação ao portador de deficiência	<a href="http://www.cedipod.org.br">http://www.cedipod.org.br</a>
Fundação Síndrome de Down	<a href="http://www.fsdwn.org.br">http://www.fsdwn.org.br</a>
Instituto Meta Social	<a href="http://www.metasocial.org.br/institucional.html">http://www.metasocial.org.br/institucional.html</a>
Reviver Down	<a href="Http://reviverdown.org.br">Http://reviverdown.org.br</a>

**Quadro 3 - Associações, fundações e institutos**

**Fonte:** Organizado por Katy Mary de Farias

O Quadro 4 apresenta documentários, filmes e outras ações que divulgam o tema síndrome de Down:

Material	Assunto
<i>Do luto à luta</i>	Documentário de Evaldo Mocarzel. Narra histórias de superação contadas pelos próprio Downs e suas famílias.
<i>City Down – a história de um diferente</i>	É uma história “ao contrário”. Em uma cidade em que todos são Downs, uma criança nasce normal. Dirigido por José Mattos.
<i>Colegas</i>	Filme dirigido por Marcelo Galvão. Aborda o cotidiano de três amigos com SD.
<i>A vida de Logan</i>	Quadrinhos sobre a história do menino Down chamado Logan.

**Quadro 4 - Documentários, filmes e outras ações**

**Fonte: Organizado por Katy Mary de Farias**

## **2.8 Exclusão social – vivendo o preconceito**

Vivemos em uma sociedade em que certos padrões são ditados. Em ambientes sociais, nas exigências do trabalho, nas regras impostas pelas escolas, nas leis dos tribunais. Além desses contextos, há um padrão que se faz cada vez mais presente na sociedade moderna. É o da felicidade, do sucesso e das conquistas.

Nesse sentido as ações do indivíduo são supervalorizadas. Qualquer um que fuja dessa zona de conforto corre o risco de ganhar certos rótulos. Um deles é o do desvio. Em um contexto sociocultural, o desvio pode estar relacionado a algum tipo de comportamento questionável, ou, o que parece ser

mais comum, a uma doença, normalmente vista como uma anormalidade. Por doença se entende um estado oposto ao da saúde, “um derivativo quantitativo do estado normal, é a perturbação do equilíbrio e da harmonia”. (AMARAL, 1995, p. 32).

O deficiente intelectual, categoria em que se encontram os indivíduos com síndrome de Down (SD), certamente é um dos que se encontram na “modalidade” desvio. São considerados “anormais”, ou “diferentes”. Esse último um eufemismo para incapacitados, inferiores. Raramente são pensados em um contexto de diversidade (AMARAL, 1995, p. 30).

### **2.8.1 O viver em grupo e o cotidiano**

Viver em grupo é inerente ao homem, desde sua origem. A vida cotidiana é heterogênea e nela deve existir todo o tipo de diversidade. Porém, esse viver o dia a dia, é determinado por uma hierarquia, em que os mais aptos a alcançaram o padrão determinado pela sociedade se destacam em detrimento dos menos capazes.

A convivência em grupo é fator primordial, pois leva ao que Agnes Heller (1988), em sua obra *O cotidiano e a história*, denomina de amadurecimento nas mais variadas instâncias. É que permite ao indivíduo “assimilar as formas do intercâmbio ou comunicação social.” Para se tornar um ser autônomo é necessário que o homem passe pela integração com seus pares. Só assim ele poderá se sentir mais autônomo para o mundo.

Para o down essa questão carrega um peso maior, pois se, para o homem comum, sua individualidade deve ser intrínseca a sua coletividade, para alguém que se encontra na categoria de “diferente” esse caminho a

percorrer é ainda mais tortuoso, já que suas escolhas e possibilidades de convivência são mais limitadas.

É no cotidiano que o indivíduo classificado como portador de um desvio sofrerá os chamados juízos provisórios (HELLER, 1970, p. 35). Mais conhecidos como preconceitos, esses juízos são “uma categoria do pensamento e do comportamento cotidiano”. São entraves dos quais muitas vezes a sociedade não sabe como encarar e tratar.

No documentário *Do luto à luta*, de Evaldo Mocarzel, que aborda a questão da SD, uma menina down é indagada se acha que sofre preconceito. Sem nenhuma dúvida responde que sim. O diretor pergunta o que ela acha que seja preconceito. “Preconceito é quando eu entro em uma sala, sento e alguém se levanta e sai.”

Esse é só um exemplo de que como lidamos com o diferente. O preconceito está inserido nos mais diversos contextos que permeiam nosso cotidiano. Vem de uma tendência à ultrageneralização, inevitável na dinâmica do nosso cotidiano. É considerado um juízo provisório (HELLER, 1970) porque muitas vezes é construído de forma pragmática, imediata e pode se alterar conforme a sociedade toma conhecimento das potencialidades do indivíduo considerado anormal. No caso da SD, é possível que esse juízo esteja perdendo um pouco a força, graças às histórias de superação contadas pelos próprios downs<sup>15</sup>.

Como já dito por Heller, o preconceito tem sua raiz no âmbito social e sua esfera é sempre a vida cotidiana, independentemente de qual tipo seja (preconceito moral, científico, político, racial, religioso, de grupo etc.). Nasce

---

<sup>15</sup> <http://www.movimentodown.or.br/node/129>



sob a influência do meio e do desconhecimento. Somente depois, em alguns casos, são “praticados” individualmente. São estereotipados, ou não. Nesse ponto é imprescindível esclarecer a diferença entre preconceito e estereótipo. Na definição de Amaral (1995), o preconceito é a própria atitude do indivíduo, ou seja, a postura que ele toma diante de uma situação ou de um indivíduo. Leva a uma ação.

O estereótipo é “a corporificação do preconceito e da atitude, ou seja, sua concretização. Ele dá uma identidade grupal à determinada condição”. O estereótipo ganha nome e sobrenome. No caso da SD, adquire nomenclaturas pejorativas como “mongoloides”, felizmente um termo que já caiu em desuso a partir da década de 80. Pode ser considerado um preconceito de grupo, uma vez que a tendência é generalizar todos que dele fazem parte. São “marcados” pelas suas características físicas (fenótipo), sem perceber suas particularidades.

Além de tomar o todo como um único significado, no caso do deficiente o estereótipo carrega outro simbolismo negativo. O do ser estigmatizado. Para Goffman (1992), o termo é depreciativo e se evidencia quando o indivíduo deixa de ser considerado uma criatura comum para se tornar alguém diminuído, imperfeito que destoa da identidade social real que uma comunidade apresenta. Na visão de Hastorf (*apud* AMARAL, 1995, p. 121), o estigma sempre carrega uma característica negativa, desde que assim avaliada por um grande número de pessoas.

Segundo Goffman, o estigma se revela por meio de duas perspectivas: a primeira quando o indivíduo apresenta características que já são conhecidas e evidentes. É o sujeito personificado como um desacreditado. O outro tipo não

apresenta nenhuma característica conhecida ou imediatamente perceptível. Esse é o considerado desacreditável.

Durante muito tempo, desde a sua descoberta, a síndrome de Down é relacionada a um indivíduo desacreditado. “Ele não sobreviverá por muito tempo, não falará, não aprenderá nada”. Muitas vezes são sentenças veladas, ditas no silêncio do preconceito. Até a década de 1970 normalmente a leitura era essa:

[...] acreditamos que alguém com estigma não seja completamente humano. Com base nisso fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida: construímos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa. (GOFFMAN, 1988, p. 8).

Por outro lado, o estigmatizado descobrirá que há pessoas compassivas, dispostas a adotar seu ponto de vista no mundo e compartilhar o sentimento de que ele é humano e “essencialmente” normal apesar das aparências e a despeito de suas próprias dúvidas. (GOFFMAN, 1988, p. 20).

É nesse contexto que alguns estigmatizados conseguem exercer o papel de oradores e em nome de seus pares tentam provar que são capazes de exercer o seu “Eu” dentro das mesmas situações em que vive o indivíduo normal. Uma das principais porta-vozes da SD no Brasil é a princesa down Maria Cristina Orleans de Bragança. Cristina sempre está presente em eventos que abordam a SD, ou fotografando ou debatendo sobre o tema.

É importante esclarecer que todos esses conceitos definidos pela psicologia social, não devem ser colocados em uma única aura nefasta, até por que todos temos certos preconceitos, assumidos, ou não. “Não significa que todo homem submetido à influência de preconceitos seja “moralmente vazio.” Não se trata de uma questão de caráter. De qualquer forma, é importante buscar a raiz do preconceito e em qual medida ele se realiza.

No que diz respeito ao desvio seria salutar pensá-lo, não somente como um estado de anormalidade, mas também como uma expressão da diversidade da natureza e da condição humana (AMARAL, 1995, p. 37). Também é importante saber que “todo homem predisposto ao preconceito corre o risco de inibir seu autoconhecimento e perder um pouco da sua substância.” (HELLER, 1970, p. 36).

No caso da realidade que cerca o indivíduo com SD é deixar de conhecer sua essência e sua identidade que podem perfeitamente fazer parte do cotidiano de qualquer grupo ou indivíduo. Ser deficiente não significa ser incapacitado. Essa é uma questão que deve ser reelaborada com certa urgência, para que, no momento em que normais e estigmatizados se encontrem, possam dividir a vida cotidiana, que é de direito de todo homem.

### 3

## 4 JORNALISMO LITERÁRIO

*Cada palavra é o traço onde o pintor se reconhece por inteiro. Não há o jornalista, não há o poeta; há alguém, alguém que se exprime diretamente contra a vontade; enfim, que se trai ou que se entrega, porque existe e porque tem a sua palavra a dizer.*

*(Helena de Souza Freitas)*

### 4.1 DEFINIÇÃO

Jornalismo literário, jornalismo narrativo, literatura de não-ficção, jornalismo de autor, novo jornalismo, literatura de complexidade. Muitas são as denominações dadas a esse estilo do jornalismo, e mesmo havendo contradições, alguns pesquisadores tentam traçar um dominador comum entre o jornalismo e a literatura.

Para Gustavo de Castro (in BRITO, 2010, p. 5), a definição para Jornalismo Literário nasce da conjunção de características da literatura, dentre elas o conhecimento, os saberes e as técnicas que podem ser contextualizadas nas produções jornalísticas.

Sergio Vilas-Boas (1996) afirma que jornalismo literário:

*Não é crônica, porque a crônica, no Brasil, pode ser ficcional; não é uma história “baseada” em fatos reais porque há subtexto aí que abre a possibilidade da invenção; também não se trata apenas de “texto bonito”, porque a “beleza” pode não passar de artifício para encobrir deficiências – por exemplo, deficiência de pesquisa e de conversação.” (VILAS-BOAS, 2012, p. 18).*

Para além da definição sobre o que é jornalismo literário, vale também acrescentar quais os dois objetivos que ele apresenta: aprofundar ou verticalizar o texto jornalístico por meio do discurso da literalidade e da

liberdade linguística e apostar no prazer da escritura e do texto. (Castro, 2010, p.7)

Uma questão que faz parte do debate: o jornalismo é um gênero literário? É literatura menor e marginal ou eminente e refinada? Onde fica a linha tênue que separa um do outro? Ou será que jamais se deve pensar em separá-los?

(...) podemos dizer que jornalismo é uma das categorias da literatura. Em outras palavras, é literatura de massa. Segundo Alceu Amoroso Lima, jornalismo é um gênero literário, com seu próprio estilo, regras e jargões. (AMOROSO *apud* VILAS-BOAS, 1996, p. 60).

No Brasil o intercâmbio entre o jornalismo e a literatura também suscitou debates. Mesmo com publicações em grau menor do que na Europa, o país teve sua maior representatividade em Euclides da Cunha e a obra *Os Sertões* (1902). O livro retratava a Guerra dos Canudos (1896-1897). Segundo Castro, até hoje se discute a dicotomia (jornalismo x literatura) que a obra causa, pois é considerada ao mesmo tempo uma reportagem e um romance.

*Os Sertões* talvez seja o caso mais paradigmático dessa relação entre os valores da imprensa e os valores da literatura, já ocorrido no país. Revela a expressão máxima (e talvez primeira) de uma unidade entre jornalismo e a literatura no Brasil. (CASTRO, 2010, p. 28).

Na opinião de CASTRO (2010, p. 34):

O que fez Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, nos permite rever alguns limites que impomos aos acontecimentos, como forma de comunicar a experiência humana através das gerações ou dentro de uma mesma geração. Isto porque Cunha, assim como Graciliano Ramos e João do Rio, entre outros, foram a vanguarda e romperam os limites canônicos estabelecidos. Ao romper esses limites, tais autores nos disseram que a comunicação é literatura e vice-versa.

Se ainda existem controvérsias sobre *Os Sertões* para determinar se a obra nasceu como uma narração híbrida entre literatura e jornalismo, Lima (2004, p. 217) defende que essa análise não deve se tornar o foco principal com relação ao título. Mais importante é perceber que a obra “permitiu” a

interação entre as identidades específicas de cada um dos estilos, além de abrir caminho para o surgimento do livro-reportagem no Brasil.

A discussão sobre jornalismo e literatura também era polemizada por Antônio de Alcântara Machado. O autor já mostrava seu estilo polêmico e irreverente quando escreveu *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927). No prefácio da obra já avisava “Este livro não nasceu livro: nasceu jornal. Estes contos não nasceram contos: nasceram notícias. E este prefácio portanto também não nasceu prefácio: nasceu artigo de fundo.” (ALCÂNTARA MACHADO apud BULHÕES, 2007, p. 126).

Essa contradição pode ser vista como saudável na medida em que jornalismo e literatura podem se complementar, buscando inspirações um no outro e, principalmente, oferecendo ao leitor, uma estética diferente na forma de descrever os fatos da vida. Ambos têm a mesma cor, mas em tonalidades diferentes.

## 4.2 ORIGENS

A relação entre jornalismo e literatura pode ter sua origem em tempos muito mais distantes do que se imagina. Há 3 mil anos os egípcios, e também os romanos, já faziam narrativas com caráter noticioso e ao mesmo tempo com traços literários. Além dos famosos papiros esses povos antigos utilizam as Estelas:

Placas de pedras que eram afixadas nas portas dos templos e dos palácios reais contando as notícias que interessavam à população. A escrita no Egito tinha não só um caráter sacro como noticioso, por isso essas placas narravam as colheitas de grãos, casamentos reais, solenidades, viagens, guerras e a vida cotidiana. (CASTRO, 2010, p.11),

Na Idade Média, o jornalismo ganhava força com o lançamento de jornais e periódicos com cunho literário e que publicavam crônicas sobre o cotidiano, principalmente na Itália e na França. “O primeiro jornal surgiu em princípios do século XVI, na Itália, com as Fogli d’ávvisi, mais tarde chamadas de gazeta.” (BRITO, 2007, p. 25).

Entretanto, antes dessa data, em 1665, em Paris, foi publicado o *Journal des Savants*, possivelmente o primeiro periódico literário que se tem notícia. No mesmo ano foram lançados o *Philosophical Transactions*, em Londres, e o *Giornale de Litterati*, em Roma. (CASTRO, 2010, p.17).

A partir daí, a imprensa literária não para mais de se desenvolver e os numerosos jornais de cunho literário, que surgem a partir de 1700, servem como palco principal para a associação entre textos de cunho jornalístico e textos de cunho literário. Nesses jornais, crônicas misturam-se com artigos filosóficos, relatos de viagem com o lirismo da poesia romântica, opiniões associa-se a contos e novelas.

Já no século XIX, diferentemente do jornalismo americano que começava a destacar a notícia como um produto ligado a questões econômicas e políticas, na Europa a imprensa se pautou pela doutrinação e pela opinião, presentes no contexto do Iluminismo e também nas grandes obras de filósofos e escritores como Charles Dickens, Honoré Balzac, Leon Tolstói, Fiódor Dostoiévski, Gustave Flaubert e Émile Zola. (BULHÕES, 2007, p. 30-31).

Ainda segundo o autor:

Na esteira dessa tradição livresca, delineavam-se no jornalismo francês ainda vigorante no século XIX duas vertentes fundamentais: a literatura e a política – vertentes que se tocava, profundamente, pois a imagem do escritor como militante político era preciosa para o jornalismo francês. E o jornalista não podia deixar de almejar o estatuto do escritor literário, uma vez que o jornalismo era considerado um ramo mesmo da literatura. (BULHÕES, 2007)

Honoré de Balzac, na França, e Charles Dickens, na Inglaterra, cuja influência chegou até os escritores do *new journalism*, corrente a qual será abordada mais adiante, são bons exemplos de escritores que na época

adotavam um gênero literário que ficou conhecido como Realismo Social ou Literatura da Realidade. Segundo Edvaldo Pereira Lima, na obra *Páginas Ampliadas* (2007, p. 182), o realismo social abordava:

O relato dos acontecimentos, o acompanhamento do cotidiano, a elucidação do que ocorre com uma sociedade em transformação, que se urbaniza, se industrializa, se moderniza, enfim, os efeitos dessa mudança sobre os indivíduos, sobre os grupos sociais, são as tarefas que se propõem muitos dos escritores do realismo social.

A crítica social de Dickens já se encontrava estampada em clássicos como *Oliver Twist* (1838) e *David Copperfield* (1849). Na primeira o autor relembra sua dura infância e critica as condições precárias da sociedade inglesa do século XIX. Balzac, que também abordava os fatos sociais e o cotidiano, autor de *Ilusões Perdidas* (1843), “traz para dentro dos seus textos não só um senso psicológico, como histórico, econômico e social” (CASTRO, 2010, p. 18).

Nesse contexto, a leitura dada à sociedade é a de um universo permeado pela vulgaridade, disputas, hipocrisia, com ênfase no perfil psicológico dos personagens. A finalidade da crítica social passa a ser mais a elucidação que propriamente o julgamento: prepara o público para a leitura dos autores e o ensina a ler. (AMARAL, 1982, p. 101).

#### **4.2.1 O folhetim**

Apesar de o jornalismo da época manter seu enfoque em questões sociais e políticas, outro formato começa a surgir nos jornais, primeiro de forma tímida no rodapé dos periódicos, até conquistar o gosto dos leitores ganhando espaços maiores de publicação. É o folhetim (do francês, *feuilleton*) “comp’oente de irresistível atração às massas como intervalo de puro



entretenimento, espaço para o imaginário das populações urbanas.” (BULHÕES, 2007, p. 25).

O folhetim nasce no período de ouro do jornalismo da França. Época, em que a imprensa popular ganhava seu espaço por causa do crescente índice de alfabetização da população (MEYER, 1996, p.91).

Com esse novo público o formato se torna um gênero indispensável aos jornais. Com linguagem simples, abordava temas do cotidiano. Segundo Felipe Pena (2006), o folhetim não se referia inicialmente aos romances publicados em periódicos. “Quando apareceu pela primeira, no *Journal des Débats*, denominava um tipo de suplemento dedicado à crítica literária e assuntos diversos.” (PENA, 2006, p. 28).

Em seguida, os grandes escritores também começaram a escrever para os folhetins. O primeiro foi Balzac. Em 1836 publica *La vieille fille*. Dois anos depois, em 1838, Alexandre Dumas lança *Capitaine Paul*. Com essa obra, segundo Meyer, está lançado o que foi chamado de romance-folhetim. A essência dos romances publicados nesse formato era:

Mergulhar o leitor in media res, diálogos vivos, personagens tipificados, e com senso do corte de capítulo. Não é de espantar que a boa forma folhetinesca tenha nascido das mãos de um homem de teatro. A relação do folhetim com o melodrama que domina então, ao mesmo tempo em que o drama romântico, é estreita. [...] (MEYER, 1996, p. 60).

Obviamente as interrupções de narrativa ocorriam entre uma edição e outra para gerar no público suspense, curiosidade e, claro, investimento do leitor no dia seguinte. A dramaticidade e a aventura dos personagens eram ingredientes que não podiam faltar no enredo dos romances-folhetim.

No Brasil, o primeiro romance-folhetim publicado foi justamente a obra de Dumas, traduzida para o português como *O capitão Paulo*. Saiu nas

páginas do *Jornal do Comércio*, também em 1838. Em seguida vieram *Os mistérios de Paris*, de Eugène Sue (1844) e *O conde de Monte Castelo*, escrito por Alexandre Dumas (1845).

[...] Tão fulgurante e rápida penetração do folhetim francês sugere a constituição no Brasil, nas décadas de 1840 a 1850, de um corpo de leitores e ouvintes consumidores de novelas já em número suficiente para influir favoravelmente na vendagem não seja uma condição sine qua non de leitura, a julgar pelo editorial de um redator de *A estação*, de 28 de fevereiro de 1882, intitulado “jornais emprestados”. (MEYER, 1996, p. 292).

A primeira publicação de um romance em português foi *A Moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo, publicada em 1856-1857. Depois, quase todos os célebres escritores do século XIX também passaram pelos folhetins. Machado de Assis, José de Alencar, Lima Barreto, Raul Pompéia, Aluísio Azevedo foram alguns que se renderam a essa estrutura pitoresca que democratizou a cultura, possibilitando o acesso do grande público à literatura e multiplicando o número de obras publicadas. (PENA, 2006, p. 31).

#### 4.2.2 A Crônica

Paralelo ao evento do folhetim, em 1828 nascia em alguns jornais brasileiros como o *Espelho Diamantino* e o *Correio da Moda* o esboço do que viria ser um novo gênero – a crônica. Jorge de Sá arrisca dizer que a carta de Pero Vaz de Caminha aos portugueses, já apresentava indícios de uma estruturação que viria ser a crônica (SÁ, 1999, p. 5).

O texto apresentava uma linguagem menos formal do que a lusitana e trazia descrições detalhadas do cotidiano e dos costumes dos índios. Já existia naqueles relatos o que o autor apontava como uma premissa básica da crônica – “o registrar circunstancial.”

Mas é somente em 1854 que o novo gênero se firma. Naquele ano *O Correio Mercantil* passa a publicar as primeiras crônicas, dentre elas a *Ao correr da pena*, de José de Alencar. Nesse, e em outros textos, o leitor poderia se deliciar com os pormenores da sociedade carioca, os assuntos “miúdos” com pitadas de humor e ironia.

Assim como no folhetim, os cronistas também abusavam na linguagem subjetiva e coloquial, o que nas palavras de Machado de Assis, um dos grandes representantes do gênero, significava “não engomar o verbo” (SANTOS, 2005, p.16).

Tanto José de Alencar quanto Machado de Assis deixaram suas raízes e quem as manteve foi, já no início dos anos 1900, o escritor Paulo Barreto, mais conhecido como João do Rio. O autor, criticado e elogiado pelo seu comportamento *flâneur*<sup>16</sup> –, captou a essência de alguns tipos da vida cotidiana do Rio de Janeiro. Em sua obra *As religiões do Rio (1904)* revelou “as facetas obscuras e impressionantes de uma cidade, oposta em tudo à imagem do emblema ‘o Rio civiliza-se’”, causam grande impacto (...) (BULHÕES, 2007, p. 107).

Na década de 1930 a crônica já estava consolidada e se manteve como um gênero único, com características particulares, conquistando cada vez mais leitores. Hoje o formato ocupa grandes e importantes espaços nos jornais diários. Tornou-se um fenômeno popular e projetou grandes estrelas do gênero como Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Fernando Sabino, Sérgio Porto, entre outros.

---

<sup>16</sup> “um passeante ocioso, um andarilho que caminha a esmo” (BULHÕES, 2007, p. 106)

Apesar de ter nascido no jornal e nele se manter, a crônica não pode ser considerada um gênero jornalístico, já que não possui características da notícia, como a premissa de informar sobre fatos. É um gênero vinculado à literatura cuja narrativa apresenta conotações subjetivas, uso de figuras de linguagem, narração em primeira pessoa e outros recursos literários.

A dúvida que eventualmente a crônica provoca (de ser ou não um produto jornalístico) pode até ser justificada na medida em que ela “se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural com o leitor.” (CANDIDO, 1993, p. 13).

Seja pelo seu formato, seu estilo ou sua linguagem, é fato que a crônica brasileira é única. Antônio Cândido afirma que pelos seus aspectos até se poderia dizer que ela é um gênero brasileiro. Na crônica é possível fazer as leituras do cotidiano de forma livre, humanizada. Narrar a experiência individual para provocar reflexão ou simplesmente para divertir.

#### **4.2.3 O jornalismo nos séculos XIX e XX – a notícia como mercadoria**

Até o início do século XX, o jornalismo e a literatura se confundem, complementam-se, intersectam-se. Porém, em seguida, um fenômeno que já havia começado a se manifestar na metade do século XIX, nos Estados Unidos ganha força. Por conta de questões econômicas e políticas o jornalismo passa a focar seu interesse na objetividade dos fatos e no valor-notícia. Como menciona Pena (2006, p. 40), “a objetividade e a concisão substituem as belas narrativas.” Além disso, a questão recai sobre o leitor. É sobre a sua figura que nascem alguns mitos:

O leitor compra o jornal somente para se informar, rapidamente do que quer. (...) o Jornalismo Literário é algo parecido a “encher linguiça”, ou, no jargão jornalístico, nariz-de-cera, e, já que a empresa jornalística precisa economizar papel, não tem anunciantes, nem quer investir em profissionais de talento, o Jornalismo Literário é, às vezes, olhado de soslaio e desdém. (CASTRO, 2010, p. 6)

Nesse contexto nascia o que Adelmo Genro Filho denominou de Jornalismo Informativo ou o “jornalismo por excelência”. A “ideologia da objetividade” mudava a concepção de se produzir informação:

(...) Marcando o fim de uma época na qual a notícia sempre se escrevia entremeada de comentários e salpicada de adjetivos. Também os temas da notícia vão mudando gradualmente. Ao lado das questões políticas, econômicas, literárias ou científicas, surgem as informações sobre acontecimentos banais que, cada vez mais, despertam interesse nos novos leitores e ocupam um espaço crescente nos jornais. (FILHO, 1988, p. 168).

Esse novo conceito de se fazer jornalismo influenciou vários países da Europa e na América do Sul. No Brasil só se consolidou na década de 1950. O que havia em comum com o jornalismo americano não era só a questão da objetividade, mas também a força das verbas publicitárias que reduziu a dependência dos veículos com as questões políticas.

Nesse novo padrão, “a literatura não se cruzaria com o jornalismo.” (BULHÕES, 2007, p. 29). O *lead*<sup>17</sup> se torna uma importante “ferramenta” para sintetizar as informações de forma que elas despertem a atenção e confiabilidade do leitor já na introdução do texto. De acordo com Adelmo Genro Filho, “o *lead* torna a notícia mais comunicativa e mais interessante, pois otimiza a figuração singularizada da reprodução jornalística.” (FILHO, 1988, p. 196).

---

<sup>17</sup> O *lide* tem por objetivo introduzir o leitor na reportagem e despertar seu interesse pelo texto já nas linhas iniciais. Pressupõe que qualquer texto publicado em jornal disponha de um núcleo de interesse, seja este o próprio fato, uma revelação, a ideia mais significativa de um debate, o aspecto mais curioso ou polêmico de um evento ou a declaração de maior impacto ou originalidade de um personagem (Manual de Redação Folha de São Paulo. 2001, p. 28).

Os impérios jornalísticos, surgidos nos século XIX, consolidam-se, bem como os jornais populares, conhecidos como Penny Press<sup>18</sup>. O maior representante dessa nova geração foi sem dúvida Joseph Pulitzer. Em 1883, já com grande experiência jornalística, Pulitzer, comprou o diário nova-iorquino *The World*, cuja tiragem era de somente 15 mil exemplares diários.

O *The World* em pouco tempo se torna o arquétipo denominado “novo jornalismo” (não confundir com o novo jornalismo da turma de Tom Wolfe, na década de 1960). As principais características dessa nova modalidade eram baixo custo de venda, linguagem acessível, conteúdo e visual apelativos e uma mistura de entretenimento, assuntos da sociedade e informação. No final do século XIX a tiragem do *The World* já ultrapassava o milhão de exemplares diários.

Não demorou muito para Pulitzer ganhar um concorrente à altura. William Randolph Hearst foi um jornalista ambicioso e audaz que, em 1895, com pouco mais de 30 anos, já adquiria seu próprio jornal, o *The New York Journal*. Assim como o concorrente, reduziu o preço do periódico, e, ainda, conseguiu levar para a Redação, funcionários de peso de Pulitzer. Um deles foi R. F. Outcault<sup>19</sup>

Hearst tornou o jornal ainda mais sensacionalista do que o concorrente. O polêmico lema editorial “*Make News!*” (faça notícias!) ia contra a veracidade dos fatos pregada pelos outros veículos, inclusive o *The World*. Por conta

---

<sup>18</sup> “A segunda geração da imprensa popular nas duas últimas décadas do século XIX, com destaque para o período entre 1890 e 1900, surgiu em cena uma nova modalidade de jornais, os Penny Press. Com a sua penetração em força no mercado norte-americano, a imprensa opinativa “de partido”, progressivamente, deixou de ter expressão mercadológica nos Estados Unidos).

<sup>19</sup> R.F foi o célebre criador do Yellow Kid, a primeira história em quadrinhos do mundo, que começou a publicar-se no World, em tiras diárias, em 1896.

disso, o jornal de Hearst ganhou o pejorativo título de “jornalismo amarelo”. No Brasil a imprensa que tinha a mesma postura, ou seja, transgredia a ética em busca de vendagem era conhecida como imprensa, ou jornalismo, marrom. O magnata também parece ter sido a inspiração do diretor Orson Welles para a criação do personagem Charles Foster Kane, do filme *Cidadão Kane*. Publicamente Welles sempre negou o fato.

### 4.3 A REPORTAGEM

*Nenhum rebuscamento estéril, nenhuma forma monótona deve colocar-se entre o olhar do leitor e o fato restituído em sua veracidade. É na reportagem – mais do que na notícia, no editorial ou no artigo – que se cumpre esse mandamento.*

*(Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari)*

No início do século XX a imprensa americana mesmo com seus impérios da comunicação consolidados começa a enfrentar o dilema de conciliar os fatos por ela considerados relevantes e imediatos com as necessidades dos leitores. O maior exemplo dessa problemática deu-se durante a Primeira Guerra Mundial. As meras ocorrências sobre o conflito já não alimentavam mais o desejo dos leitores que buscavam nas páginas do jornal informações mais concretas.

Nesse cenário, em 1917, o jornalista John Reed escreve *Os dez dias que abalaram o mundo*, considerada por muitos a primeira grande reportagem da história do jornalismo moderno. Na obra Reed descreve de forma bastante real e minuciosa dez dias críticos da Revolução de Outubro, ocorrida na Rússia, em que os burgueses estavam no poder e os pobres não vinham perspectivas de melhoria.

O jornalista conviveu e conversou com os grandes líderes Lênin e Trótsky captando uma perspectiva diferente do que a imprensa publicava. Reed avistou, não somente a atuação dos líderes, mas também o sofrimento da população que ia às ruas em busca de prosperidade e igualdade.

Eric Hobsbawm, na obra *Era dos Extremos*, relata que, depois de 1914, alguns escritores escreviam para os jornais e não se consideravam meros repórteres. É nesse contexto que as reportagens começam a ganhar mais espaço, principalmente com a criação da revista americana *Time*, em 1923, que inspirou, mais tarde, a criação de exemplos similares no Brasil, dentre elas as revistas *O Cruzeiro* (1928-1975), *Realidade* (1966-1974) e *Veja* (1968).

Em 1929, surge pela primeira vez, o termo “Reportagem” em dicionários franceses, e, em 1931, em ingleses.

Tornou-se um gênero aceito de literatura socialmente crítica e de apresentação visual na década de 1920, em grande parte sob a influência da vanguarda revolucionária russa, que louvava o fato acima da diversão popular que a esquerda europeia sempre condenara como ópio do povo. (HOBBSAWM, 1995, p. 191):

Outro relato que pode ser comparado à magnitude da reportagem de Reed é *Hiroshima*. Lançada na edição da revista *The New Yorker*, em 31 de agosto de 1946, a matéria, escrita por John Hersey, acertou em cheio o coração e as mentes de leitores de todo o mundo. Inspirado no livro *A ponte de São Luís Reis*, de Thornton Wilder, em que cinco sobreviventes relatam a catástrofe por qual passaram, Hersey decidiu narrar *Hiroshima* dessa forma.

Em menos de um mês, no ano de 1946 (25 de maio – 12 junho) o jornalista permaneceu na cidade de Hiroshima (Japão) observando e tentando entender o que havia acontecido naquele local que fora atingido por uma bomba de 20 mil toneladas de dinamite e que dizimou metade da população. O



resultado, publicado em uma edição exclusiva da *The New Yorker*, foi um relato fora dos padrões técnicos e ideológicos sobre a destruição da cidade:

*Hiroshima* não trazia revelações técnicas nem dados desconhecidos sobre os efeitos da bomba atômica. Seu primeiro impacto veio do enfoque e da abordagem escolhidos por Hersey. Humanizando o que havia decorrido por meio do relato de seis sobreviventes – duas mulheres e quatro homens, sendo um deles um estrangeiro no Japão –, ele aproximou a abstração ameaçadora de uma bomba atômica à experiência cotidiana dos leitores. O horror tinha nome, idade e sexo. (SUZUKI JR. in HERSEY, 2005).

Por ordem da ocupação americana, *Hiroshima* não foi publicada no Japão. Henry Luce, na época editor da revista *Time*, acusou o jornalista dizendo que a reportagem feria os interesses americanos. Antes do lançamento de *Hiroshima*, Hersey já era considerado um espetacular escritor. Matinas Suzuki, no posfácio da edição brasileira, cita o crítico literário Ben Yagoda: “Hersey tinha o olho e a orelha de um romancista e a ética de trabalho de um repórter, era pessoa perfeita para misturar a forma ficcional com o conteúdo jornalístico.” (SUZUKI JR. In HERSEY, 2005).

Na década de 1950 a grande reportagem já estava totalmente consolidada e suas formas de expressão se refletem no Jornalismo Interpretativo, que segundo Lima (2004, p. 19):

Busca não deixar a audiência desprovida de meios para compreender o seu tempo, as causas e origens dos fenômenos que presencia, suas consequências no futuro. Vai fundamentar sua leitura da realidade na elucidação dos aspectos que em princípio não estão muito claros. [...]

Em 1942 o jornalista Joseph Mitchell publicou na revista *The New Yorker*, o perfil de Joe Gould, um maltrapilho que, apesar de perambular pelas ruas de Nova York, prometia lançar um livro que alcançaria grande sucesso - “História do nosso tempo.” Gould morreu e a obra nunca foi lançada, mas em 1964, Mitchell publicou na mesma revista uma outra reportagem sobre o personagem. “A história de Joe Gould” foi transformada em livro a até hoje

figura na lista das melhores narrativas do século XX. Mitchel era um repórter talentoso e foi um dos primeiros a utilizar técnicas de ficção para abordar histórias e personagens reais, assim como Truman Capote em *A Sangue Frio*.

Depois de Hersey e Mitchel muitos outros jornalistas se revelaram repórteres-escritores de extremo talento. É o início de um longo trajeto da história da reportagem e que, felizmente, a cada época, tem revelado novos autores e novas temáticas, muitas delas, sendo publicadas em formato de livro-reportagem, assunto que será abordado mais a frente em um capítulo sobre o gênero.

A reportagem pode ser considerada uma forma narrativa privilegiada, pois carrega consigo a possibilidade de aprofundar um fato. “Pode-se dizer que a reportagem é o conto jornalístico – um modo especial de propiciar a personalização da informação ou aquilo que também se indica como ‘interesse humano’.” (FERRARI e SODRÉ, 1986, p. 75).

Quando a reportagem se origina de uma notícia, novos fatores entram em cena como o detalhamento e aprofundamento dos fatos, da atmosfera que o cerca e dos personagens que dela fazem parte. Acontecimentos secundários que não se fariam presentes em uma notícia podem também ganhar espaço e enriquecer ainda mais a narrativa.

A reportagem é uma notícia, mas não é uma notícia qualquer. É uma notícia avançada, na medida em que sua importância é projetada em múltiplas versões, ângulos e indagações. Ao valorizar a notícia, a reportagem revitaliza o estilo jornalístico, soltando um pouco as amarras da padronização. Uma boa reportagem não deve abrir mão da pesquisa, sob pena de alterar o espírito de investigação, curiosidade, desafio e surpresa, que estão acima de tudo. (VILAS-BOAS, p. 43)

Como lembra Luiz Amaral, na obra *Jornalismo de primeira página*, “reportagem exige talento, sensibilidade, narração fluente e criatividade. Permite alguma fantasia, mas nunca alheamento aos fatos. Como todo e

qualquer material jornalístico, seu compromisso é com a verdade.” (AMARAL, 1982, p. 136). Por conta disso é que uma verdadeira reportagem deve ser o espelho do jornalista-escritor. É a articulação entre a sua compreensão sobre os fatos, suas leituras, sejam elas objetivas e/ou subjetivas, a escolha da narrativa e a necessidade contínua de mostrar realidades e pluralidades.

#### **4.4 A GRANDE REPORTAGEM NAS REVISTAS**

As revistas tiveram um papel fundamental na história da grande reportagem. Foi esse periódico que “abrigou” as grandes narrativas, que passaram a ser publicadas em suplementos especiais, encartados nos cadernos culturais, ou em publicações exclusivas.

No contexto americano, a *Time*, lançada em 1923, foi a primeira a abrir espaço para as grandes narrativas e se tornou modelo para outras que surgiram no decorrer do século. Na sequência veio a *The New Yorker*. Lançada em 1925, a revista revelou grandes nomes da crítica cultural americana, assim como escritores consagrados dentre eles Norman Mailer, Truman Capote, John Updike e J.D. Salinger. Daniel Piza (2003), em seu livro *Jornalismo Literário*, destaca a importância da *The New Yorker* como pioneira na produção do jornalismo literário. Além da publicação de *Hiroshima*, de Hersey, outros textos foram eternizados.

Foram nas páginas da *The New Yorker* que Lilian Ross publicou o perfil de Ernest Hemingway, em 1950, e Truman Capote deu voz ao seu *A Sangue Frio*, em 1959. A revista pode não ter criado o *New Journalism*, mas sem dúvida, foi quem abriu as portas para os jornalistas-escritores alçarem voos

maiores nas reportagens interpretativas, com teor subjetivo, pique narrativo e recursos de ficção como a atenção a detalhes e vozes (PIZA, p. 24).

No Brasil, na década de 1920, o formato revista já dava seus primeiros passos com a *Klaxxon*. O veículo foi uma espécie de porta-voz do Movimento Modernista e da Semana de 22. Na sequência as grandes reportagens eram publicadas em periódicos como o *Jornal da Tarde*, *Correio da Manhã* e revistas como *O Cruzeiro*, *Diretrizes*, *Realidade* e mais tarde *Manchete*, *Veja* e *IstoÉ*.

A fórmula utilizada para atrair o público, incluindo o de classe mais baixa, era a produção de grandes reportagens sobre temas nacionais e internacionais, variedades do cotidiano e colunistas.

Nos anos 1930 e 1940 surgiram duas importantes revistas brasileiras. A *O Cruzeiro*, criada em 1928, atraiu um público mais amplo e abordava assuntos diversificados. A *Diretrizes*, lançada em 1938, foi idealizada por Azevedo Amaral. Alguns anos depois, sob grande polêmica, Samuel Wainer assumiu a direção do periódico. Os principais enfoques eram a política, economia e cultura. Dentre os colaboradores havia gente de peso, como Carlos Lacerda, Guimarães Rosa, Ernest Hemingway e Aldous Huxley (FERRARI, 2008, p. 2-4).

Segundo Vilas-Boas (1996), um dos diferenciais das revistas estava no uso de recursos estéticos e gráficos, explorando os aspectos de programação visual. Eram materiais bem impressos com ênfase no fotojornalismo. A revista *O Cruzeiro*, por exemplo, em seu primeiro exemplar já chamava a atenção:

Um luxo editorial. Na capa, o logotipo: o nome Cruzeiro em letras vermelhas, sobre um fundo azul com moldura prateada. As estrelas da constelação do Cruzeiro do Sul sobrevoavam o desenho de um rosto de mulher de boca e olhos pintados, unhas cintilantes, uma melindrosa que, com ar provocante, enviava um beijo para o público. Em quatro cores, impressa em papel couchê (sic) de excelente qualidade. (CADERNOS DA COMUNICAÇÃO *apud* BAPTISTA E ABREU, 2011).

O *Cruzeiro* tinha em sua forma uma mistura de elementos que faziam dela um dos periódicos mais lidos pelos brasileiros - Criatividade, textos simples, mas com certa erudição, e, mais importante, assuntos diferenciados, e muitas vezes polêmicos, daqueles publicados pela mídia tradicional. Reportagens que provocavam no leitor, reflexão e até mesmo indagação.

Nos anos de 1950 as empresas jornalísticas já atuavam em um novo nicho de mercado que eram as editoras. Com isso revistas como a *Manchete*, lançada em 1952 pela Bloch e *Claudia*, em 1961, pela Abril, alcançavam uma tiragem de milhões de exemplares. Segundo Juarez Bahia (2009), as transformações sociais por que passava o país estimulavam a produção editorial. Havia novos leitores e novos perfis para se explorar. A mudança na forma e no conteúdo das revistas foram fatores primordiais para que se tornassem sucesso de vendagem.

Esse foi um período áureo para os jornalistas. Puderam desenvolver suas narrativas com liberdade, sem a necessidade de estarem presos a *leads*, pirâmides invertidas e pautas engessadas. Inspiradas na liberdade criativa do *new journalism*, surgido nos Estados Unidos, na década de 1960, os periódicos brasileiros investiram em matérias em que a apuração e o aprofundamento nas características de cenários e personagens eram uma constante.

Também é nesse novo cenário que se vê a consolidação do Jornalismo Interpretativo. De acordo com Edvaldo Pereira Lima, o Jornalismo Interpretativo buscava não deixar a audiência desprovida de meios para compreender o seu tempo, as causas e origens dos fenômenos que presencia, suas consequências no futuro.” (LIMA, 2004, p. 20). Em linhas gerais o principal

objetivo era fornecer fatos e informações selecionados e analisados pelos jornalistas. Entretanto a interpretação deveria ser do leitor.

O jornalismo interpretativo deve permitir que o leitor faça por si mesmo a digestão do tema que lhe é exposto. Neste sentido, o leitor deve “digerir” por si mesmo, e não deixar-se “confundir” pelo texto. A criatividade esbarra, então, nos limites do raciocínio. Você raciocina para elaborar bem, escrever honesta e claramente, dar o toque de refinamento necessário e ainda agradar o editor e o público da revista. (VILAS-BOAS, 1996, p. 102).

A revista *Realidade* também seguiu pela trilha do jornalismo rico em informação. Publicada pela Editora Abril, o primeiro número foi lançado em abril de 1966, já na atmosfera do regime militar, com tiragem de aproximadamente 250 mil exemplares. Em fevereiro de 1967 a tiragem chegou aos cerca de 500 mil exemplares.

*Realidade* abre-se para o Brasil e para o mundo com uma proposta ambiciosa. Realiza mês a mês, em suas edições, a construção somativa de um novo mapa da realidade contemporânea, onde aparentemente não há preconceito na seleção de pautas. *Realidade* ajuda o leitor a descobrir o Brasil em suas múltiplas facetas nos diversos campos da atividade econômica, da produção artística, da existência social, do comportamento humanos, da condição religiosa, da disputa política, da arena esportiva. (LIMA, 2004, p. 225).

O período de maior prestígio da *Realidade* foi entre os anos 1966-1968. Passaram pela Redação da revista nomes como Carlos Azevedo, José Hamilton Ribeiro, Roberto Freire e outros. Fizeram jornalismo inteligente, muitas vezes polêmico e transgressor, com uma produção impecável aberta aos estilos que bebiam na fonte da literatura, da fotografia e do cinema.

A *Realidade* acompanhou toda a efervescência e as mudanças que os anos 1960 atravessavam, tanto em termos políticos, sociais, como também culturais. Mesmo sob a sombra da censura, a revista procurou aprofundar suas reportagens e elucidar o leitor.

Ao encerrar suas atividades, nos anos 1970, a revista apresentava algumas diferenças quanto o posicionamento críticos dos repórteres. Também havia perdido espaço para um novo projeto da Editora Abril – a revista *Veja*.

A *Veja* tinha como tendência posicionar a notícia em um patamar de objetividade. Obviamente perdeu-se espaço para o texto mais autoral. Entretanto, no discurso de Mino Carta, editor da revista naquela época, a linha editorial de *Veja* consistia na busca pela verdade e não na objetividade, “pois esta só poderia ser alcançada na medida em que repórteres e redatores fossem frios, “impassíveis feito máquinas”. Só assim seriam capazes de registrar e transmitir os fatos sem o mais leve sinal de emoção ou participação.” (VILAS-BOAS, 1996, p. 74)

Em seguida nascia a *IstoÉ* que passou a concorrer diretamente com *Veja*. Nasceu em 1976, com o Brasil ainda sob a ditadura militar, cobrindo as transformações políticas e sociais do país. Mesmo em um cenário de repressão, a revista apresentava uma linha jornalística mais dinâmica com textos mais personalizados e rebuscados.

#### **4.5 A DÉCADA DE 1960 E O NEW JOURNALISM**

*Talvez devêssemos simplesmente explodir o prédio da New Yorker.*

*(Tom Wolfe)*

Em 1960, os Estados Unidos eram pura efervescência. Os debates culturais, sociais e políticos estavam por toda parte e na boca das mais variadas tribos. Direitos civis, rock-and-roll, Guerra do Vietnã, o movimento hippie em *Woodstock*, tudo se misturava em um caldeirão de ideologias, posicionamentos, frustrações e sonhos.

No fim tratou-se de uma confluência de música, cinema, poesia, teatro, literatura, artes plásticas, ciência, sociedade, política, guerra e revolta, quase tudo impulsionado pelo poder da imaginação e por um intenso entusiasmo, pela esperança e pela angústia. Isso aconteceu entre meados dos anos 1950 e início dos anos 1970: foi algo impetuoso e rápido, e parecia, na época, que poderia levar à transformação do mundo. (GILMORE, 2010, p. 9)

Nessa época, mais precisamente em 1965, um grupo de jornalistas, entre eles Tom Wolfe, que produzia o *New York*, suplemento cultural do jornal *New York Herald Tribune*, pensava em como poderia colocar mais criatividade e audácia no caderno dominical. A sua maior concorrente, a revista *The New Yorker*, já andava produzindo um material diferente, desde 1956, quando Truman Capote escreveu o perfil de Marlon Brando. A reportagem sobre o astro, intitulada *O duque em seus domínios*, é considerada um dos marcos do *new journalism*. Mas o novo conceito de se fazer jornalismo só ganhou mais destaque alguns anos depois.

Um dos que ingressaram no grupo era o ousado e criativo Tom Wolfe. Em seu mais famoso livro *Radical Chique*, ele conta que se recusou a chamar aquele movimento de New Journalism.

(...) Foi no final de 1966, que se começou a ouvir as pessoas falarem de “Novo Jornalismo” (...) pra dizer a verdade, eu nunca gostei da expressão. Qualquer movimento, grupo, partido, programa, filosofia ou teoria que tem “Novo” no nome está chamando confusão. Porém, “Novo Jornalismo” foi a expressão que acabou pegando. Não era nenhum “movimento”. Não havia manifestos, clubes, salões, nenhuma panelinha: nem mesmo um bar onde se reunissem os fieis, visto que não era nenhuma fé, nenhum credo. (WOLFE, 2005, p. 40).

Mas afinal de contas, o que era novo no *new journalism*? A que veio e quais eram suas intenções? Certamente não era retratar por retratar a notícia. Era mais do que isso. Era uma nova forma de captar e contar a história. De forma mais livre, mais sincera. Era falar do que nem sempre era tão bem dito. Sérgio Vilas-Boas lembra que:

Em essência, não havia nada de muito relevante. Aquilo já era feito de maneira arrojada desde o século XIX. A novidade, ao que parece, era o fato de que agora leitores do mundo inteiro haviam passado a



'comprar' uma narrativa jornalística não apenas porque ela contém dados verificáveis, mas também por sua estética subjetiva. (CÂNDIDO, 2012, p. 20).

Importante lembrar que toda essa sede de mudança não foi algo pensado e planejado. Nenhum dos escritores que fazia parte do new journalism tinha a pretensão de mudar o jornalismo americano. O grupo achava que com tantas coisas acontecendo na América, nem os "jornalões" e nem os romancistas dariam conta de abordar todos os temas da forma mais engajada.

Como menciona Pena (2006), mesmo não sendo um movimento planejado, Wolfe admitia que alguns preceitos faziam parte da narrativa – "Reconstruir a história cena a cena, registrar diálogos completos, apresentar cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens e registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas." (PENA, 2006, p. 54).

Algumas das técnicas narrativas utilizadas pelos *novos jornalistas* vinham do Realismo Social do século XIX, e de autores-referência da época, como Charles Dickens, Honoré de Balzac. Algumas dessas práticas eram a narração em terceira pessoa, o ponto de vista autobiográfico também em terceira pessoa, a construção cena a cena e o registro do diálogo completo. (LIMA, 2004, p. 197).

Somados a essas inspirações havia os elementos inovadores inseridos por Wolfe e os outros escritores. A gramática ganha uma liberdade nunca antes vista com o uso constante de figuras de linguagem, dentre elas a onomatopéias e metáforas. Também as vírgulas, os pontos, os colchetes ganham novas funções, novas posições, novos significados. O fluxo de consciência torna-se elemento fundamental para levar a reprodução do real a sua mais elevada compreensão.

Sua forma de captação do real vai se caracterizar também por esse mergulho de cabeça no sensual, no sensório, não só para acompanhar a revolução que toma conta dos setores mais liberais do país como também para recriar e reproduzir o que se passa em setores não tão vanguardeiros assim da sociedade americana. (LIMA, 2004, p. 122).

Obviamente não eram todos que viam com bons olhos o *new journalism*.

A corrente chocou a imprensa conservadora e os literatos que achavam abuso um bando de inconsequentes tomar a literatura como inspiração para suas narrativas. Na visão deles era uma ralé inconsequente ousando adentrar em um mundo sagrado. Lima lembra o momento em que esse modo de ver o *new journalism* começa a mudar:

Foi somente quando chega ao livro-reportagem é que o NJ desperta a atenção dos literatos. Curiosamente um certo reconhecimento – certo porque esse NJ, como passou a ser chamado por alguns críticos a partir de 1966, nunca teve aceitação unânime do jornalismo, muito menos na literatura. (...) Revertiam-se as posições, essa é a tese de Wolfe. Agora eram os escritores que buscavam o jornalismo e não mais o contrário. O NJ alcançava um status literário próprio, em 1969 já se constituiria num gênero que não poderia mais ser considerado inferior. (LIMA, 2004, p. 197).

O *new journalism*, ao contrário do que muitos pensavam, não era só diversão e transgressão. Havia apuração séria, trabalho árduo, horas de pesquisa e observação. Vale lembrar que Capote levou cinco anos para publicar *A Sangue Frio*. Fez pesquisas minuciosas, entrevistou exaustivamente muitas pessoas, colecionou várias anotações. O lançamento dessa obra, em 1966, certamente foi um excelente estímulo para que os novos jornalistas seguissem adiante e ganhassem mais respeito.

Em 1966 o grupo já havia alcançado fama e projeção. Truman Capote, Tom Wolfe, Jimmy Breslin, Gay Talese, Hunter S. Thompson, Norman Mailer, Joan Didion, Johan Sack e Michael Herr, todos, a sua maneira, contavam suas histórias que eram estampadas em revistas como *Esquire*, *Rolling Stone* e *New Yorker*, cujo público eram leitores vorazes por textos inteligentes e sofisticados.

Entretanto o respeito pelo *new journalism* às vezes tinha um preço alto. Principalmente quando o movimento gerou, digamos, um filho bastardo, mais radical em suas escolhas. O estilo *gonzo*, como era chamado, foi criado por Hunter S. Thompson, repórter da revista *Rolling Stone*. Thompson preferia fazer suas reportagens no limite da segurança. Para realizá-las procurava não só viver a situação de fato, mas também provocar sentimentos reais. Para ele não existia a isenção do narrador.

Nem que para isso tivesse que ofender ou ser ofendido (verbal e fisicamente). Foi o que aconteceu quando decidiu sair para a estrada com os *Hell's Angels*. Andou em alta velocidade, tomou drogas, arranhou encrenca e apanhou. O resultado foi o livro *Hell's Angels - Medo e Delírio Sobre Duas Rodas*, publicado primeiramente como reportagem na revista *Rolling Stone* e depois, em 1966, editado como livro. Para Thompson, nenhuma reportagem tinha valor se ele não pudesse mergulhar, de corpo e alma, e sair do outro lado com um texto tingido de seu próprio sangue e suor. (WEINGARTEN, 2010, p. 152).

Mesmo tendo um período relativamente curto de projeção, se esvaziando no final da década de 70, o *new journalism* conseguiu o que muitas vertentes não haviam alcançado: sacudir a sociedade americana, deixando sua marca transgressora em um território preenchido pelo conservadorismo e o pragmatismo. Além disso, deixou raízes profundas para a reelaboração do chamado jornalismo literário.

#### **4.6 LIVRO-REPORTAGEM**

Ao final da década de 1960, apesar de ainda existirem leitores interessados, a grande reportagem começa a perder espaço. No Brasil com o fim das revistas *Realidade*, em 1976, e a *O Cruzeiro*, em 1975, o mercado editorial, que já havia dado seus primeiros passos na década de 1950 com a criação de editoras chanceladas pelos impérios da comunicação (Bloch e Chauteabriand), começa a ganhar corpo.

No início da década de 1970, o aumento de títulos disponíveis para um público-leitor mais diversificado é crescente. Além da trilogia “romance-poesia-história” e livros didáticos começam a ser lançados outros gêneros como livros de ensaios e também sobre histórias reais de importância nacional. É nesse contexto que o livro-reportagem ganha espaço.

Se *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, é citado como o primeiro livro-reportagem brasileiro, outra obra concorre pelo mesmo título. *Aracelli meu amor*, escrito por José Louzeiro, é considerado por muitos teóricos como um dos principais livros-reportagens publicados no Brasil. Lançada em 1975, a obra narra a história da morte de Aracelli, menina que fora assassinada de forma bárbara em 18 de maio de 1972, no Espírito Santo. A cobertura do caso é um dos clássicos do jornalismo investigativo brasileiro, comparado ao caso Aída Cury, na década de 1950.

Outros grandes sucessos editoriais da época foram *O quarto de despejo*, de Carolina de Jesus<sup>20</sup>, publicado em 1960, e *O Diário de uma criança que precisa nascer*, da jornalista e repórter da revista *Realidade*, Oriana Falacci.

De acordo com Edvaldo Pereira Lima, em sua obra *Páginas Ampliadas*, o livro-reportagem:

---

20 [http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/carolina\\_vida.html](http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/carolina_vida.html)

É o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos -, quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores. (LIMA, 2004, p. 26)

Da cobertura de guerras ao trabalho escravo, passando pelas campanhas políticas e histórias de celebridades, o livro-reportagem possibilita que a história de pessoas e seus contextos de vida possam ser apresentados ao leitor de forma mais verossímil e transparente. Isso por que:

Aqui o procedimento do discurso é outro: narrativo, reconstitui as ações e as presentifica, como se estivessem ocorrendo. A aproximação com o leitor é maior, na medida em que se pode acompanhar o desenrolar dos acontecimentos quase como testemunha. Esse tipo de relato se apoia na ação e no detalhamento. Tenta reproduzir os fatos, realizando-os para o leitor. (MUNIZ e SODRÉ, 1986, p. 21).

Outro aspecto importante relacionado ao livro-reportagem é a falta de urgência em abordar assuntos estritamente ligados ao tempo presente, terreno obrigatório dos periódicos diários. Mais do que personificação do tempo, a essência do livro-reportagem está na possibilidade de abordar temas que ultrapassam a temporalidade. É o que afirma Cremilda Medina em uma entrevista cedida ao autor Edvaldo Pereira Lima (Lima, 1993, p. 31):

Quando entendido sob um ponto de vista estrito, o que diz Otto Groth da atualidade do jornalismo parece não ser válido no caso do livro-reportagem. Mas um sentido mais sutil é perfeitamente válido. Porque a preocupação real do jornalismo é entender a contemporaneidade. A construção do entendimento da realidade, através do saber científico, passa pelas linhas possíveis de entendimento das ciências humanas, das ciências biológicas. Agora, através do saber jornalístico, nós podemos também ir a especulações mais profundas que ultrapassam o imediatismo da notícia, sem perder a diretriz básica, que é se situar na contemporaneidade.

O termo livro-reportagem quando surgiu, na década de 1970, suscitou alguns debates com relação a sua denominação, pois também era chamado de romance-reportagem. Essa controvérsia, ao que parece, atenuou-se no

decorrer dos anos. O romance-reportagem, segundo Schneider (2009), é um tipo de narrativa que a crítica literária já considera datada e que foi apenas uma espécie de desvio adotado pela própria literatura em virtude da repressão. Como os estudiosos da comunicação entendem que a reportagem já carrega em si mesma aspectos da literatura, optaram por adotar o termo livro-reportagem.

#### **4.6.1 FUNÇÃO E CARACTERÍSTICAS DO LIVRO-REPORTAGEM**

Assim como a notícia publicada em um jornal, o livro-reportagem também tem como premissa informar e esclarecer fatos. Entretanto ganha a possibilidade de ampliar um determinado fato que muitas vezes não lhe é permitido em um jornal diário, ou pela falta de interesse ou pela sisudez na linha editorial.

De acordo com Vilas-Boas (1993, p.93) o livro-reportagem:

Possui maior gama de possibilidades e amplitudes. O recurso de “documentar” pode ser usado e abusado. Não há por que tratar o fato ou o acontecimento gerador da “pauta” em primeiro plano. Ocorre, sim, um desdobramento da “situação” e da “questão” envolvidas.

Ao desdobrar as situações se abrem possibilidades de explorar recursos indispensáveis ao jornalista-escritor. Elementos que fazem com o que o leitor mantenha-se conectado ao texto. Dentre eles o “conjunto” que faz com que determinado personagem seja o que é. Segundo Vilas-Boas (1996, p. 47), é necessário conhecer detalhes da aparência, modos, trejeitos, a forma como personagem fala ou se move. São aqueles pequenos toques humanos, que até podem não ser fundamentais para impulsionar a narrativa, mas fazem os personagens parecerem reais.

Outra característica importante do livro-reportagem é a sua capacidade de se manter vivo e atual no tempo, diferentemente dos conteúdos factuais que estão sob a égide da atualidade. Dessa forma, segundo Lima, pode-se pensar em duas categorias básicas de livro-reportagem quanto a sua atualidade:

O livro-flash (livro-instantâneo) que aproveita um fato de repercussão atual, para explorá-lo com maior alcance, enquanto o impacto reverbera pela sociedade (...) ou livro-reportagem que não se limita rigorosamente ao atual, trabalhando temas um pouco mais distantes do tempo. (...) (LIMA, 2004, p. 35)

Além dessas duas categorias, Pereira Lima (2004, p. 51-59) também propõe uma classificação, por grupos, para o livro-reportagem, dada à variedade de temas que o gênero pode tratar. O critério é baseado no objetivo específico que o livro desempenha e a natureza do tema de que trata a obra. São 13 os grupos do livro-reportagem:

**Livro-reportagem-perfil:** Procura evidenciar o lado humano uma personalidade pública ou anônima. Uma variante desse grupo é o livro-reportagem-biografia.

**Livro-reportagem-depoimento:** Reconstitui um acontecimento relevante, de acordo com a visão de um participante ou de uma testemunha privilegiada. O tom é passar ao leitor uma narrativa quente, com bastante clima de bastidores, movimentada.

**Livro-reportagem-retrato:** Assemelha-se ao livro-reportagem-perfil. Mas ao contrário deste, não focaliza uma figura humana, mas sim uma região geográfica, um setor da sociedade, procurando sempre tratar o assunto de forma explicativa e educativa.

**Livro-reportagem-ciência:** Serve como divulgação científica, geralmente em torno de um tema específico. Pode também apresentar caráter de crítica ou reflexão.

**Livro-reportagem-ambiente:** Vincula-se aos interesses ambientalistas, às causas ecológicas. Procuram tratar temas que auxiliam na conscientização da importância da harmonia entre homem e natureza.

**Livro-reportagem-história:** Aborda um tema do passado recente ou mais distante, mas que de alguma forma se conecte com presente.

**Livro-reportagem-nova consciência:** Obras que tratam de correntes comportamentais, sociais, culturais, econômicas e religiosas que surgem no mundo ocidental.

**Livro-reportagem-instantâneo:** O tema é um fato recém-concluído, cujos contornos finais já podem ser identificados. O autor prefere essa denominação a o livro-flash, pois este pode dar uma conotação de superficialidade.

**Livro-reportagem-atualidade:** Também discute um tema atual, porém é sobre temas de maior perenidade no tempo e cujos desdobramentos finais ainda não são conhecidos. Possibilita ao leitor acompanhar o fato com maior profundidade.

**Livro-reportagem-antologia:** Reúne reportagens publicadas na imprensa cotidiana ou em outros livros. As temáticas podem ser variadas e de autores distintos.

**Livro-reportagem-denúncia:** Com propósito investigativo essa modalidade procura esclarecer justiça contra os desmandos do governo.

**Livro-reportagem-ensaio:** É muito presente a opinião do autor que tenta convencer o leitor a compartilhar do seu ponto de vista.

**Livro-reportagem-viagem:** Retrata um quadro sociológico, histórico, humano por meio de uma viagem. Difere do relato meramente turístico.



O autor enfatiza que essa classificação não pode ser considerada final “porque novas variedades podem surgir, em decorrência da flexibilidade e da criatividade peculiares ao livro-reportagem.” São as chamadas “liberdades” que a pauta de um livro desfruta.

Dentre essas liberdades estão a flexibilidade nas escolhas de temas e fontes, análise mais apurada e minuciosa do assunto e dos personagens, maior maleabilidade nas escolhas linguísticas, nos recursos visuais, na adoção de leituras diferentes daquelas ditas objetivas e imparciais pregadas pela imprensa tradicional. Enfim, explorar novas histórias, cenários e personagens, sem nunca, é claro, faltar com a veracidade dos fatos.

#### **4.6.2 A TRAJETÓRIA DO LIVRO-REPORTAGEM NO BRASIL**

Se a trajetória do livro-reportagem teve início com Euclides da Cunha, autor de *Os Sertões*, publicado em 1902, é fato que o caminho percorrido desde então tem sido promissor com a produção de importantes obras.

Depois de *Os Sertões*, outra obra que, segundo alguns estudiosos, foi a verdadeira responsável por delinear o gênero no país é *A Ilha*, de Fernando de Moraes. Publicado em 1976, o livro é resultado dos três meses em que Moraes viveu na ilha de Cuba coletando informações e fazendo sua própria análise sobre o socialismo.

Em seguida muitas outras importantes obras foram lançadas. O século XX foi um período fértil na publicação de livros-reportagem. Além de Fernando Moraes que lançou, não só *A Ilha*, mas outras obras significativas, como *Olga* (1985) e *Chatô – o Rei do Brasil*, outros autores merecem destaque.

O escritor mineiro Ruy Castro lançou livros que retrataram a vida de brasileiros famosos ou momentos importantes do país, como *Chega de*

*saudade: a história da bossa nova* (1990), *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues* (1992) e *Carmem: Uma biografia* (2005).

O livro-reportagem no Brasil continua traçando sua trajetória. Há no gênero a perspectiva de aprofundar o conhecimento de importantes assuntos que muitas vezes passam despercebidos pelos veículos de comunicação.

Jornalistas que se embrenham na aventura de contar histórias, leitores interessados em conhecê-las e interesse das editoras, será sempre a fórmula ideal para que o livro-reportagem no Brasil não perca sua força.

#### **4.7 LIVRO-REPORTAGEM: ALGUMAS PROBLEMÁTICAS**

Com raízes em relatos publicados nos jornais, em particular nos folhetins, e mais tarde em revistas e livros, as histórias sobre pessoas, principalmente as figuras públicas, sempre atraíram leitores. Nesse contexto, alguns gêneros têm ganhado destaque – as biografias, autobiografias, perfis e histórias de vida.

No Brasil há vários exemplos de obras que retratam a vida de personagens importantes da nossa história. Autores como Ruy Castro (*Estrela Solitária* e *Anjo Pornográfico*) e Fernando Morais (*A Ilha*, *Chatô – O rei do Brasil*, *Corações Sujos* e *Olga*) tornaram-se referência em contar a história do outro.

Em uma matéria denominada “Biografia em debate”, publicada no site *Observatório da Imprensa*<sup>21</sup>, em 07 de dezembro de 2004, vários autores discutem sobre alguns pontos referentes ao formato. Na entrevista Castro definiu o gênero como:

---

<sup>21</sup> [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/daniel\\_buarque](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/daniel_buarque)

(...) Um híbrido entre a literatura e o jornalismo. O método de apuração é jornalístico, mas o estilo permite um esmalte de literatura que torna o texto mais interessante. O lado da pesquisa define a qualidade do livro. Quanto mais bem apurada, melhor.

Zuenir Ventura (*O ano em que não terminou* e *Chico Mendes – Crime e Castigo*), na mesma entrevista, defende que na biografia a máxima importância deve ser dada ao protagonista, “em torno do qual tudo deve girar”. Segundo ele, é preciso encarnar o personagem. “A biografia é tanto do biografado quanto do escritor, e o retrato é resultado da visão do biógrafo”.

Há vários comentários (até certo ponto polêmicos) como a premissa de que, em algumas situações, é inevitável que a vida do biógrafo se misture com a de quem está biografado. Ou que a liberdade do biógrafo deve ser ilimitada.

Para a escritora e crítica argentina Beatriz Sarlo (2007), um dos maiores riscos que se corre ao produzir histórias de não ficção (testemunhos, biografias, histórias de vida, memórias etc)<sup>22</sup> é a dimensão subjetiva que se dá a esses relatos. É o que a autora denomina como “guinada subjetiva”, uma leitura pós-moderna em que o passado é reconstituído por meio do testemunho, considerado ícone único e absoluto da verdade. (SARLO, p. 18, 2007).

Quando se conta a história sob a perspectiva de um único personagem obviamente corre-se o risco de transformar o real em lenda. Além disso, pode haver um “deslocamento” do leitor, pensando no fato de que, naquele relato, ele não se vê, não se identifica, diferentemente do que ocorre nos grandes

---

<sup>22</sup> O sociólogo Norman Denzin oferece conceitos sucintos para biografia, autobiografia, histórias de vida, narrativa de vida, história oral, história pessoal e muitos outros nomes que tanto podem ser coincidentes quanto conflitantes, conforme o contexto em que são empregados. Todo esse grupo de variados métodos (ou atitudes, ou visões de mundo) da pesquisa biográfica e autobiográfica em Ciências Sociais está sujeito a convenções que estruturam a maneira como vidas têm sido escritas. (VILAS BOAS, 2008, p. 21).

romances, em que muitas vezes se estabelece uma aproximação coletiva com enredo e personagens. Para Sérgio Vilas Boas (1998), “a individualidade é inerente à biografia”.

Nas obras de não-ficção também há outro processo que pode colocar em risco sua autenticidade. É a tendência em enaltecer o personagem, dando a ele um tratamento mítico, tornando-o um herói de seu próprio cotidiano.

A personificação do herói não é um tema recente. Em 1949 o mitólogo Joseph Campbell abordou o assunto em *O herói de mil faces* (1992). Na obra exemplificava que todo o herói transita em determinadas fases até chegar ao ápice final da sua aventura – A partida, a iniciação e o retorno.

A Jornada do Herói, sua origem, remonta à década de 1940, quando, ao analisar mitos e contos populares e de fadas de todo o mundo, o mitólogo norte-americano Joseph Campbell averiguou a existência de uma estrutura básica que permeia estas narrativas, que divide a aventura do herói em três fases, que compreendem basicamente a partida, a iniciação e o retorno. (MARTINEZ, 2008, p. 52).

Da década de 1980 Christopher Vogler, roteirista da indústria cinematográfica americana, adaptou os conceitos de Campbell para os roteiros de cinema. Cria, então, o *Guia prático d'O herói de mil fases*<sup>23</sup>. A fórmula, apesar de estar envolta em polêmicas, por anunciar uma sinopse que muitos já conhecem, tem dado muito certo.

No campo da comunicação brasileira, mais precisamente na produção do jornalismo literário, Edvaldo Pereira Lima, a partir 1990, dá início à aplicação do método de Campbell na prática jornalística, criando o conceito de *Jornalismo Literário Avançado*<sup>24</sup>.

---

<sup>23</sup> No Brasil a obra foi publicada em 1997, como *The writer's journey* (Rio de Janeiro: Ampersand Editora).

<sup>24</sup> Trata-se de uma abordagem – sustenta conceitual e metodologicamente – que busca conceder à narrativa jornalística de profundidade uma visão de mundo complexa, sistêmica, integrada. (PEREIRA in MARTINEZ, 2008, p. 16).

Importante lembrar que no contexto do Jornalismo Literário, a palavra herói não deve ser entendida como aquela que se refere a grandes personalidades e seus grandes feitos. Está no sentido relacionado àquelas pessoas que são protagonistas da própria história. No caso específico do meu trabalho, pessoas que vivem à margem da obscuridade, muitas vezes pelo preconceito.

Em sua tese de doutorado a jornalista Mônica Martinez (2008) levou adiante a pesquisa de Pereira Lima inserindo novas leituras ao estudo. Dentre elas a inclusão de elementos do método da Biografia Humana, bem como um contexto feminino a que se denominou a “Jornada da Heroína”. Não abordarei a questão da concepção feminina por não ser uma leitura específica desse trabalho. Quando à Biografia Humana convém esboçar alguns conceitos.

Para a autora o emprego do método biográfico é uma ferramenta que ajuda a entender o universo do entrevistado (p. 185-189). É minucioso e sua aplicação é dividida em três faixas etárias:

- Dos 0 aos 21 anos (preparo para a vida: fase do desenvolvimento corporal).
  - Dos 21 anos aos 42 anos (Maturidade: fase do desenvolvimento da alma).
  - Dos 41 anos aos 63 anos (Setênios do espírito: fase da realização da vida).
  - Dos 63 anos ao 84 anos (Fase das novas vivências, com mais liberdade e em um ritmo mais tranquilo).
-

Segundo Martinez a aplicação dos conceitos do método da Jornada do Herói “pode sem dúvida ser valiosa para os comunicadores sociais juntarem as peças do quebra-cabeça da realidade contemporânea, unindo-as num texto coerente e envolvente” (p. 266). Apesar de apresentarem abordagens diferenciadas, todas têm um ponto convergente: a premissa em evidenciar o personagem sob um aspecto humano.

Dessa forma, para a autora:

(...) A Jornada do Herói e a Biografia Humana revelam-se ferramentas valiosas para resgatar a antiga arte de narrar. A boa história de vida talvez seja aquela que, à semelhança de um romance excepcional, deixa a sensação de que a narrativa não se esgota nos fatos, de que ela não se restringe aos causos registrados. (...) (MARTINEZ, 2008, p. 270).

Martinez defende que a Jornada do Herói e a Biografia Humana, podem, em particular nas produções da comunicação social, ser uma alternativa para tornar a narrativa mais envolvente e verdadeira, fugindo dos textos jornalísticos, muitas vezes presos a um contexto pragmático (MARTINEZ, 2008, p. 40).

Se fosse utilizar os conceitos da saga do herói em meu trabalho, certamente eles não seriam lineares e tampouco estariam todos presentes na narração. Nas histórias sobre o universo down o que poderia ser “utilizado” de acordo com a perspectiva da Jornada do Herói seria a leitura humanizada do personagem e sua constante busca pelas suas conquistas, na maioria dos casos, com determinação. É o deslocamento do contexto imaginário dos mitos e contos para uma história de vida real, contada a partir do cotidiano dos personagens.

## 5 OBSERVAÇÃO (METODOLOGIA)

Um dos objetivos desse projeto é tornar todas as histórias sobre as pessoas com SD contidas no livro-reportagem, narrativas verdadeiras e sinceras, buscando mostrar facetas diferentes sobre a vida e o cotidiano dos personagens, do ambiente em que vivem e de suas relações com a sociedade.

Para traçar esse caminho, inicialmente foi realizada uma pesquisa sobre o assunto, por meio de livros, reportagens, documentários e conversas com algumas pessoas conhecedoras e/ou envolvidas com o tema. Todo esse conhecimento prévio sobre a SD serviu, e continuará servindo, como suporte para contextualizar alguns temas e esclarecer possíveis dúvidas que o leitor possa ter durante a leitura.

Em seguida partiu-se para a construção da fundamentação teórica, com uma revisão bibliográfica não só sobre o jornalismo literário e o livro-reportagem, como também uma contextualização da SD, baseada em teorias da psicologia social. Essa fase foi de extrema importância para fornecer à autora segurança e clarificação das ideias e estruturação do livro-reportagem, nos aspectos inerentes à abordagem e narração.

O método escolhido foi o da observação participante. No caso do livro-reportagem, certamente é recurso de extrema importância, pois permite que o pesquisador “se insira no grupo pesquisado participando de todas as atividades. Ele acompanha e vive (com maior ou menor intensidade) a situação que abriga o objeto de sua investigação.” (PERUZZO in DUARTE e BARROS, 2011, p.133-134). Nesse caso, é possível que se estabeleça uma leitura mais ampla do objeto estudado.

É importante lembrar que o pesquisador, assim como observa, também está sendo observado. A sua presença no grupo pode alterar a dinâmica do grupo. A antropóloga Ruth Cardoso alerta sobre o cuidado que o pesquisador deve tomar para que não se coloque como “porta voz” do grupo investigado. (TRAVANCAS in DUARTE e BARROS, 2011, p.103).

Entre setembro e dezembro de 2012 realizei todo o processo de “imersão” no mundo down. Foram vários dias de convivência com o grupo, realização de entrevistas com as mães (em média três encontros com cada uma) e participação contínua nos eventos. Foram cerca de: 10 ensaios de dança de salão, 2 aniversários, 1 vernissage, 1 abertura de exposição, 1 campeonato de natação, 1 festa de Dia da Criança e 1 de Natal organizadas pela Reviver Down, 2 apresentações de dança, 1 apresentação de capoeira, 6 visitas ao Ateliê Criação, 3 visitas ao Ambulatório de SD do HC, 1 visita a consultório médico e 2 visitas à Escola Ecumênica.

Além da observação participante aplicada ao grupo dos downs, também foi utilizada a técnica da entrevista individual em profundidade, aplicada aos pais dos personagens. Esse método foi de extrema importância, pois permitiu a elucidação de algumas questões inerentes à individualidade de cada down. A utilização de um questionário específico (Apêndice 1) contribuiu para fundamentar de forma mais concreta o universo de cada um. O pesquisador Jorge Duarte (2011, p. 62) defende a importância das questões inerentes à entrevista em profundidade:

(...) as perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer perspectivas. Possibilitam ainda identificar problemas, microinterações, padrões e detalhes, obter juízos de valor e interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenômenos de abrangência limitada.



O tipo de entrevista utilizada foi a aberta, a partir de um questionário estruturado, com perguntas iguais a todos os entrevistados. (DUARTE, 2011, p. 67). A entrevista serviu como subsídio para aprofundar um contexto que já havia sido explorado durante a observação participante.

Mesmo contendo questões específicas sobre cada down, como idade, data de nascimento, número de irmãos e outras situações intrínsecas, evitou-se utilizar uma técnica totalmente “engessada”. Aqui, valeu-se do uso de recursos sensoriais e de outras linguagens que não somente a verbal. Nesse contexto cabe o que Cremilda Medina (1995) defende como primordial para a entrevista e a transformação da abordagem meramente técnica em um diálogo: um mergulho no mundo dos personagens.

Ao final da coleta de dados, teve início o processo de “lapidação” do livro-reportagem, momento em que todas as informações adquiridas foram estruturadas e distribuídas em capítulos específicos. Foi o processo final em que a expectativa de que o leitor tivesse em mãos um livro que despertasse interesse humano e que, de alguma maneira, provocasse reflexões.

## 6 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O objeto desse projeto é um livro-reportagem, cujo enfoque principal são histórias de vida de pessoas com SD que vivem em Curitiba. A opção por esse formato se deu por alguns motivos. O principal deles foi pela possibilidade de poder abordar o tema com maior envolvimento e, conseqüentemente, com uma liberdade maior para utilizar os recursos do jornalismo literário.

O público-alvo será formado por pessoas interessadas no assunto, não só aquelas que convivem com os downs, como também profissionais da área, jornalistas que trabalham com o tema e outros que têm interesse e curiosidade em saber como vivem as pessoas com SD.

A obra apresentada tem uma estreita aproximação com alguns livros-reportagens produzidos por jornalistas brasileiros. Um deles é Eliane Brum, autora de obras *A vida que ninguém vê* (Arquipélago, 2006) e *O olho da rua* (Globo, 2011). Eliane narra com primazia grandes reportagens que refletem claramente seu modo especial de ver e ouvir seus personagens. O resultado dessa “metodologia” natural de Eliane resulta em histórias que na escrita de outros poderiam ser meramente relatos, mas na dela demonstram sensibilidade e um desejo incomum de transformar o obscuro, o desconhecido em inesquecíveis páginas da vida.

Baseando-se na classificação dos tipos de livro-reportagem listados por Edvaldo Pereira Lima, em *Página Ampliadas*, optou-se por definir o produto como um livro-reportagem de determinado grupo social (os downs), cujas histórias se desdobram em perfis. Pode-se dizer que são fragmentos de

histórias do cotidiano, contadas sob a perspectiva do jornalismo de personagem.

Para criar uma dinâmica de vozes a narrativa será feita em primeira e terceira pessoas. Esse recurso pode propiciar melhor recorte de impressões entre o narrador e os personagens. Também haverá a descrição de diálogos, e, quando possível, depoimentos e detalhamento das cenas.

Com relação ao conceito gráfico do livro, a escolha foi por finalizar cada capítulo com uma foto do personagem. Uma imagem que possa ilustrar muito bem o contexto de cada história. A estrutura do livro foi a seguinte:

Prefácio, um capítulo sobre a SD e oito histórias distribuídas em determinados contextos de vida – Amor, superação, doenças paralelas à SD, juventude, namoro, sexo, casamento e trabalho. Ao final foi incluído um breve glossário para elucidar o leitor sobre alguns termos utilizados durante a narrativa.

Todas as narrativas e seus personagens foram construídos a partir da convivência da autora com familiares, amigos e pessoas que trabalham em locais frequentados pelos downs, dentre eles, o Ateliê Criação, a Fundação Ecumênica de Proteção ao Excepcional (Fepe), a Associação Reviver Down e o Laboratório da Síndrome de Down do Hospital das Clínicas da UFPR.

Nesses locais foram encontrados, além de gestores e educadores comprometidos e apaixonados pelo seu trabalho, alunos e famílias totalmente adaptados a sua realidade e com histórias de vida com começo, meio e um final, no aspecto da superação, bastante feliz.

O livro-reportagem tem a seguinte estrutura:

## **CAPÍTULO 1 - PREFÁCIO**

A ideia é explicar ao leitor o porquê da escolha do tema. Há uma breve leitura sobre a convivência com os downs, que teve início em 1994 e se intensificou a partir de 2008. A introdução também serve como uma espécie de diário de bordo, em que explico de que forma as histórias foram construídas.

## **CAPÍTULO 2 - SOBRE A SÍNDROME DE DOWN**

Embora a intenção do livro não seja a de entrar no universo médico, científico ou qualquer área que possa fundamentar de forma mais específica sobre o assunto, é de extrema importância que o leitor tenha o mínimo de informações sobre o a síndrome de Down. Esse capítulo aborda questões como, o conceito da síndrome de Down, sua origem, número de casos no Brasil, classificação, incidência e características.

## **CAPÍTULO 3 – POR AMOR**

Nesse capítulo estão reunidas três histórias que só puderam ser construídas com base no amor. Amor de mãe, de pai, que decidiram apoiar a decisão de seus filhos downs, amor de pessoas que nem sequer tinham noção de que poderiam amar uma pessoa com deficiência e amor entre eles próprios, provando que não só os “ditos” normais têm o direito de se apaixonar.

## **CAPÍTULO 4 – TUDO AO SEU TEMPO**

Histórias de dois rapazes e um senhor, cuja trajetória de vida foi, durante muito tempo, dolorosa, com a doença e a morte sempre à espreita. As narrativas desse capítulo mostram ao leitor a importância da família como suporte para a resolução de conflitos e a prova de que com esforço, perseverança e paciência é possível superar os obstáculos.

## **CAPÍTULO 5 – SUPER GAROTAS**

Duas jovens downs, uma de 20 anos e outra de 24, que demonstram ter um cotidiano relativamente parecido, mas cada um com pitadas de emoção diferentes. Meninas que podem ser exemplos de que ser down definitivamente não significa uma sentença de morte.

### **CAPÍTULO 6 – AMOR À PROFISSÃO. AMOR AOS DOWNS.**

Narrações sobre pessoas que fizeram da sua profissão uma causa em prol dos downs, em diferentes contextos. Pessoas que fizeram grande diferença no desenvolvimento e no progresso dos downs.

### **GLOSSÁRIO**

Uma pequena lista de alguns termos relacionados à síndrome de Down. São conceitos que o leitor encontrará, principalmente, no capítulo “Sobre a síndrome de Down”.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O êxito de quem escreve implica uma paciente procura da justa expressão, da frase em que todos os elementos pareçam insubstituíveis, do encontro de sons e ideias que sejam os mais eficazes e densos de significado, tudo isso adicionado às formas breves, simultaneamente, leves e profundas.

(Gustavo Castro)

Narrar é uma atitude muitas vezes ousada, algumas vezes prazerosa, outras, dolorosa. Se não se indaga, se não se observa, se não se ouve, é possível que o caminho não seja o mais correto. Pois a dimensão a qual uma reportagem deve alcançar, seja ela no contexto jornalístico ou literário, ou em uma concepção híbrida, terá que ser a mais extensa (e intensa) do que qualquer outra forma de narrar. Essa dinâmica está muito atrelada às escolhas que cada autor faz.

Quando comecei a definir o tema para meu trabalho, havia mais do que uma opção. Qualquer que fosse a escolha uma premissa estava certa – o caminho teria que ser traçado com envolvimento, prazer e, se possível, com um despertar.

E como chegar a esse estágio? No meu caso foi por meio da aproximação. Dos olhos e dos ouvidos em constante vigilância e, mais ainda, com um coração receptivo, É fato que, ao escolher o livro-reportagem como forma de narração, é preciso ter estilo, técnica, ética. Mas, fazendo uma analogia ao estudo que Roland Barthes faz da fotografia, também é preciso que o texto tenha o que o autor chama de “*punctum*”. Aquele momento em que quem contempla algo seja “capturado”, e a partir disso, sinta-se modificado de alguma forma.

Essa é a minha tentativa: mais do que informar, encantar, captar essências, é fazer com o que o leitor não queira fechar a página do livro, sem antes saber o desfecho, a conclusão e a surpresa que as pessoas com SD têm a mostrar. E que fique a indagação, a reflexão, a lição de vida. O desafio é grande, mas ao o resultado poderá ser ainda maior.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Lígia Assumpção. **Conhecendo a deficiência** (em companhia de Hércules). São Paulo: Robe Editorial, 1995.

AMARAL, Luís. **Jornalismo: matéria de primeira página**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1982.

BAHIA, Juarez. **História, jornal e técnica: história da imprensa brasileira**. Volume 1. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

BAPTISTA, Iria e ABREU, Karen. **A história das revistas no Brasil: um olhar sobre o segmentado mercado editorial**. Disponível em [[www.bocc.ubi.pt/.../baptista-iria-abreu-karen-a-historia-das-revistas](http://www.bocc.ubi.pt/.../baptista-iria-abreu-karen-a-historia-das-revistas)]. Acesso em 16/05/2012.

BRITO, José Domingos de (org.). **Literatura e Jornalismo. Coletânea de depoimentos célebres e bibliografia resumida**. Volume 3. São Paulo: Novera Editora, 2007.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CANDIDO, A. A vida ao rés do chão. In: **Recortes**, São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CÂNDIDO (Jornal da Biblioteca Pública do Paraná). Edição no. 7. Fevereiro de 2012.

CASTRO, Gustavo de. **Jornalismo Literário**. Brasília: Casa das Musas, 2010.

**Com o terceiro cromosso 21**. Folha de São Paulo (Caderno Equilíbrio). 19 de março de 2009.

DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.

FERRARI, Danilo Wenseslau. **Diretrizes : A primeira aventura de Samuel Wainer**. Histórica – Revista eletrônica do arquivo público do estado de São Paulo. Número 31. São Paulo: 2008.

FILHO, Adelmo Genro. **O Segredo da Pirâmide. Para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Editora Ortiz, 1989.



GAVIA, Beatriz. **Identidade e bem-estar emocional**. Disponível em [[http://www.fsdown.org.br/site/documento\\_295\\_0\\_\\_identidade-e-bem-estar-emocional.html](http://www.fsdown.org.br/site/documento_295_0__identidade-e-bem-estar-emocional.html)]. Acesso em 13/05/2012.

GILMORE, Mikal. **Ponto final: crônicas sobre os anos 1960 e suas desilusões**. Tradução: Oscar Pilagallo. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GOFFMAN, Erving. **Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

HERSEY, John. **Hiroshima**. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Manole, 2004.

LOPES, Fernanda. **Entre a objetividade e a vigilância: contradições do trabalho e da identidade jornalísticos**. Disponível em [[saernanda http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/versoereverso/article/viewArticle/5768/5226](http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/versoereverso/article/viewArticle/5768/5226)]

MARTINEZ, Mônica. **Jornada do herói. A estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo**. São Paulo: Annablume, 2008.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista – o diálogo possível**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

MEYER, Marlyse. **Folhetim, uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Movimento Down. **Três vivas para o bebê!!** [<http://movimentodown.org.br/node/62>]. Acesso em 11/05/2012.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1999.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos Santos (organização e introdução). **As cem melhores crônicas brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

SANTOS, Waldir Carlos Santana e BARTALOTTI, Celina Camargo. **Diferenças e diversidade – um olhar sobre o deficiente mental.** In: O mundo da saúde: ano 26, v. 26. São Paulo, 2002.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva.** Tradução: Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte, : UFMG, 2007.

SCHENEIDER, Sabrina. **As novas narrativas de jornalistas-escretores: romance-reportagem?** Porto Alegre/PUCRS, 2009. Disponível em [www.pucrs.br/edipucrs/.../IV.../72147-SABRINA\_SCHNEIDER.pdf].

SILVA, Nara Liana Pereira; DESSEN, Maria Auxiliadoras. **Síndrome de Down: etiologia, caracterização e impacto na família. Interação em Psicologia.** 6(2), p. 167-176. Universidade de Brasília, 2002. Disponível em - [ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/download/.../2648]. Acesso em 11/05/2012.

Síndrome de down. [http://pt.encydia.com/es/S%C3%ADndrome\\_de\\_Down](http://pt.encydia.com/es/S%C3%ADndrome_de_Down)

SOUZA, Jorge Pedro. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente.** Disponível em [bdigital.ufp.pt/.../2/Hist%20Jor%20Ocidente%20JPS%20BOCC.pdf]. Acesso em 10/05/2012.

STRATFORD, Brian. **Crescendo com a síndrome de Down.** Brasília: CORDE, 1997.

VILAS BOAS, Sérgio. **Biografismo: Reflexões sobre as escritas da vida.** São Paulo: Editora Unesp, 2008.

VOIVODIC, Maria Antonieta M.A. **Inclusão escolar de crianças com síndrome de Down.** Petrópolis: Vozes, 2004.

WEINGARTEN, Marc. **A turma que não escrevia direito.** Tradução: Bruno Casotti. Rio de Janeiro: Record, 2010.

WERNECK, Claudia. **Muito prazer, eu existo.** Rio de Janeiro: WVA, 1993.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

## GLOSSÁRIO

**Aminiocentese:** Exame em que se retira uma porção do líquido amniótico.

**Cariótipo:** É o conjunto de cromossomos que uma célula humana possui.

**Cromossomo:** É uma sequência organizada de DNA (ácido desoxirribonucleico) e proteína encontrada nas células. É no cromossomo que estão todos os genes responsáveis pela formação dos seres vivos. A espécie humana possui 46 cromossomos.

**Fenótipo:** Conjunto de características visíveis no ser humano, como a cor dos olhos e a textura do cabelo,

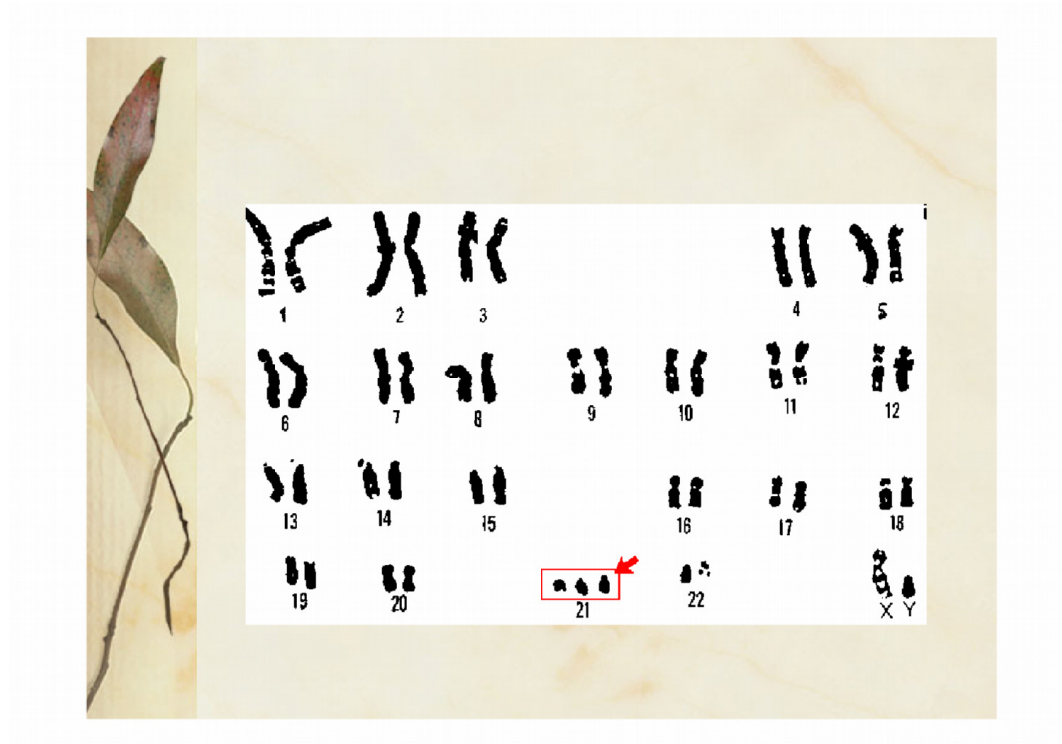
**Hipotonia:** Flacidez muscular. É um sinal de anormalidade em recém-nascidos.

**Líquido amniótico:** Fluido que envolve o embrião presente na bolsa amniótica.

**Trissomia:** É um ganho anormal de material genético. Indica a presença de três cromossomos, ao invés de dois como é o normal, em alguns dos 23 pares de cromossomo que o ser humano possui.

## ANEXOS

### Tricossomia no cromossomo de par 21



### A virgem e o menino - Andrea Mantegna



Lady com seus 3 filhos – *Sir Joshua Reynolds*



## APÊNDICE

### QUESTIONÁRIO

Nome: \_\_\_\_\_

Data de nascimento \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

Nasceu: ( ) Em casa ( ) No hospital - Qual? \_\_\_\_\_

Parto: ( ) Normal ( ) Cesária

De quantas semanas? \_\_\_\_\_ -

Idade da mãe quando teve o bebê: \_\_\_\_\_

Quando soube que era down? \_\_\_\_\_

Cariótipo: ( ) Trissomia 21 ( ) Translocação – Em qual cromosso: \_\_\_\_\_ ( ) Mosaico

Nome da mãe: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Nome do pai: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Irmãos: \_\_\_\_\_

1. Qual era a colocação dele (a) na quantidade de filhos?
2. Dudu foi uma criança programada, desejada?
3. Por que recebeu esse nome?
4. Qual foi a reação e a ação posterior de você e o pai? Quem sofreu mais?
5. Como era a saúde dele (a) quando nasceu. Como é hoje?
6. Com idade falou? \_\_\_\_\_ andou? \_\_\_\_\_
7. Foi à escola com que idade? \_\_\_\_\_ Qual (ais) \_\_\_\_\_
8. Você em alguma situação de vida teve que defendê-la de algum tipo de preconceito?
9. Como é a personalidade dele (a)? Quais as características mais acentuadas ?

10. Como você definiria seu filho em termos de temperamento, caráter?
11. E a relação dele (a) com você? São amigos, confidentes?
12. Como é a relação dele (a) com o pai?
13. Com quem ele (a) se relaciona melhor? Com você ou com o pai?
14. E com os irmãos?
15. Sobre o que vocês conversam no dia a dia?
16. Quando ele (a) não está bem por alguma coisa, ele demonstra, fala pra você?
17. Ele (a) tem ciúmes de alguém? De quem?
18. Há brigas, broncas?
19. E como é a rotina de vocês em casa?
20. Como ele (a) lida com o espaço da casa? Há algum lugar em que goste mais de ficar?
21. Do que ele (a) gosta de fazer quando está em casa?
22. Ele (a) brinca? Tem brinquedos?
23. Ele (a) gosta de animais, de crianças?
24. Ele (a) tem medo de alguma coisa?
25. Do que ele (a) mais gosta de comer?
26. Ele (a) tem autonomia para fazer o que sozinha?
27. Ele (a) tem muitos amigos? Tem um melhor amigo?
28. Se sim, eles se encontram final de semana?
29. Ele (a) faz planos de casamento? Família?
30. Quais seus planos para o futuro de seu filho (a)? Se um dia você faltar, como será? Já tem um plano traçado?